



ESPIRITUALIDADE CRISTÃ E RECUPERAÇÃO DO CORPO

Fazer da vida oração e da oração vida

Isabel Gomez-Acebo

Caderno 5

Maio – 2004

www.fundacao-betania.org

Fundação Betânia

ESPIRITUALIDADE CRISTÃ E RECUPERAÇÃO DO CORPO
Fazer da vida oração e da oração vida

Encontro de oração
Orientadora: Isabel Gomez Acebo

Casa de Retiros de Santo Inácio
Rodízio, 8 – 9 de Maio 2004

Índice

- 1ª Conferência: Orar com os sentidos (Tradução de Margarida Pereira-Müller)
- 2ª Conferência: Orar com os elementos (Tradução de Ilda Pires)
- 3ª Conferência: *A Lectio divina* (Tradução de Judite Grilo)
- 4ª Conferência: A oração permanente (Tradução de Luísa Oliveira Martins)

1ª Conferência: ORAR COM OS SENTIDOS*

*Porque não te oiço?
Porque não te vejo?
Porque não me falas?
Porque não te sinto?*
José Bergamín

O facto de termos uma vida activa com muito trabalho e com dificuldade em nos isolarmos para rezar obriga-nos a procurar caminhos alternativos aos tradicionais. Não há outra maneira para rezar do que com a própria vida. Mas como se reza com a vida? Há muitos caminhos que iremos descobrindo e investigando. Hoje vamos procurar Deus com os sentidos com que caminhamos pela vida. Através deles, vamos tentar descobrir os sinais do Criador do universo. Não procuramos o Deus que está longe, mas o que está perto de nós. Vamos abrir as nossas cinco janelas de par em par para deixarmos entrar esse Deus no nosso interior. Vamo-nos abrir a esse Tu que nos chama, nos interpela, nos espera, nos pede que reajamos e que nos comprometamos. Estou à porta e chamo, como um mendigo sem condições prévias.

É nesta relação pessoal que vamos pedir a Deus que se nos revele como um pai, como um amigo, como um companheiro de caminho. No livro dos Provérbios (18) vem escrito que ninguém pode ser feliz sem amigos. Um amigo fiel é um tesouro, uma poderosa protecção, o que teme o Senhor achará o tal amigo (Ecl 6,14-17). Na vida do nosso século, o amigo é o que nos ajuda a caminhar todos os dias, pois a sua simples presença nos dinamiza. Com Deus vamos encontrar a alegria da sua companhia, a celebração da sua amizade e o abraço do encontro.

Sentido quer dizer caminho. Dos nossos sentidos, há alguns que são mais bem vistos, como a visão e a audição, do que outros. O olfacto, o paladar e o tacto são mais materiais e, como matéria sem valor, são considerados de segunda. No entanto, antes de entrar em cada sentido vamos ver como há poetas como Manuel Machado que afirmam que esses sentidos são o caminho da verdadeira vida:

*E eu tinha dito: Vive!
Que é o mesmo que dizer ama e beija
Escuta, vê, toca
Embriaga-te e sonha.*

Consideremos, agora cada um dos sentidos.

ORAR COM O OUVIDO

A audição oferece-nos um acesso a uma realidade distinta da visão, pois não vemos os objectos mas ouvimos as suas expressões. Não somos nós que determinamos o que queremos ouvir excepto a música “enlatada” ou os concertos. Nem tampouco podemos ouvir de novo a não ser que se grave.

Ouvir e escutar são duas palavras diferentes; escutar requer a concentração. Ouvimos as notícias que se dirigem a todos mas escutamos as mensagens que levam o nosso nome próprio. Ouvimos as crianças a chorar, mas escutamos quando se trata dos nossos filhos. Escutar é uma disposição de resposta à chamada de um tu. A oração converte-se num diálogo que tem dois pontos de apoio em Deus: a sua palavra e o seu amor. Dois pontos a que nós devemos responder com a escuta e a confiança.

Nesse encontro, a iniciativa é de Deus que nos chamou primeiro. Pelo nosso lado, só temos de escutar, de nos abrimos, acolher ... Não tentar conquistar mas deixar-se conquistar por Ele. Não tentar convencê-lo mas deixar-se convencer por Ele. Por isso, um teólogo alemão muito

* Tradução de Margarida Pereira-Müller.

famoso escreveu um livro que se chama “O ouvinte da Palavra”, um ouvinte que é o ser humano. Ele que abra os ouvidos para Deus com a esperança de que se rompa o seu silêncio e sejamos capazes de escutar a sua voz.

Que significa escutar Deus, quando nós, a maior parte das vezes, não ouvimos nada? É simplesmente ficar perante Deus à espera. Como dizia um aldeão rude e simples, que passava horas a fio diante do sacrário, quando lhe perguntavam o que fazia: estou a olhar para Ele e Ele a olhar para mim.

As experiências sensíveis não dependem de nós e a maioria das vezes não sentimos nada mas mantemo-nos no posto como o sentinela de serviço. Deus não tem de intervir, só quer que o recebamos. Hoje ouvem-se muitas queixas em relação à oração de petição que supõe que o homem recite perante Deus uma litania de pedidos. Há possivelmente formas de orar mais perfeitas mas o Amigo escuta com gosto as nossas angústias.

O mundo inteiro transforma-se em palavra de Deus. As “*mirabilia dei*” (“maravilhas de Deus”) falam-nos do Criador. Os salmos de louvor dão-nos esta certeza. O mar, a montanha, a beleza do cônjuge, a arte, a música... tudo nos deve fazer ver Deus e levar-nos a exclamar: Que bonito! Que pena! Que sorte! Palavras que dirigidas a Deus são uma maravilhosa oração de acção de graças ou de petição pelo que se necessita. A criação não tem palavras e nós podemos dar-lha.

As pessoas queridas são um lugar privilegiado de oração. Os cônjuges entre si são palavra de Deus, os filhos e os pais, os amigos especiais.. Que nos diz Deus através do seu eu? Falam-nos de amor, de necessidade de afecto, de escuta das necessidades recíprocas... Contam que São Francisco, um dia, rezou assim a Deus: Senhor, eu amo o sol e as estrelas, amo a Clara e as suas irmãs, amo os corações dos homens, mas somente te deveria amar a Ti. Ao que Deus respondeu: também eu amo o sol e as estrelas, a Clara e as suas irmãs... não tens que te lamentar, pois eu também os amo.

Na liturgia temos a voz e a escuta comum, nela representamos toda a humanidade. Os índios recentemente vítimas de terramoto e os americanos com os seus altos níveis de vida. Ouvimos toda a humanidade e queremos que a nossa oração a represente. As suas necessidades e os seus louvores, as suas alegrias e as suas tristezas que fazemos também nossas. Também temos necessidade de nos escutarmos a nós mesmos. Ali, dentro no silêncio da nossa vida interior, encontrar-nos-emos com Deus. Temos de nos aceitar como somos na realidade e não como aparentamos ser. Além disso, devemos sentir bem com a nossa realidade, pois Deus ama-nos como somos. Devemos apresentar-nos perante Deus como somos sem angústias mas com toda a confiança, pois estamos perante a nossa mãe/ o nosso pai. Esta autenticidade requer que eu escute e aceite os meus próprios sentimentos, não posso transformar-me na pessoa que não sou; basta mostrar-me tal como sou. Por isso, não necessito como primeiro passo a censura mas sim a serenidade, o silêncio acolhedor.

Nenhum som pode perturbar esse silêncio pois todos os ruídos têm um silêncio profundo no seu interior. Os ruídos distraem se tentas suprimi-los mas se os aceitas como parte da vida descobres neles um sentido, um meio para gozar o silêncio, para nos escutarmos a nós mesmas/os como somos e sem dissimulações. Mas também para escutarmos os nossos irmãos, pois perante Deus nunca estamos sós. Estamos todos, mas sobretudo as vítimas da história que ninguém recorda. Dizia Frei Chenu que um monge dominicano deveria rezar com o Evangelho numa das mãos e o jornal na outra; só assim, poderia escutar a voz dos homens. Junto à dor da humanidade, temos também as suas ânsias pois se bem que o que reza esteja carregado de história de dor, tem também uma grande alegria que nasce da confiança de estar nos braços de Deus.

Nesta escuta de Deus que nos oferece o ouvido, temos que ser capazes de discernir, o que me diz hoje a mim e nas minhas circunstâncias. É difícil pois os nossos desejos confundem-se com os de Deus mas conhece-se pelos frutos. Se esta oração nos conduz ao amor, então, e para lá de todas as suas outras facetas, é autêntico. Dizia Inácio de Loyola que o amor há-de pôr-se mais nas obras do que nas palavras. Fazer o bem e agora que falamos de ouvir não fazer ruído. Fazer o bem, passando despercebido. Bonhoeffer dizia que ter paz é fazer-se silencioso, é a paz de Deus que está para além da razão. Somente nas orações caladas da nossa alma encontramos essa paz.

Vou encher o meu coração com o teu silêncio

Se não me falas

Vou encher o meu coração com o teu silêncio

E assim conseguirei suportá-lo.

Ficarei quieto,

esperando, como a noite,

na sua vigília estrelada,

com a cabeça inclinada

como sinal de paciência.

A manhã certamente virá,

A escuridão dissipar-se-á,

e a tua voz derramar-se-á

em torrentes douradas

por todo o céu.

(Tagore, Oferenda lírica,19)

ORAR COM O OLFAC TO

O olfacto sensibiliza-se com o que não ocupa lugar e, por isso, é o que mais se aproxima do espiritual. Sabes que está, apercebes-te dele mas não o vês. Está presente mas não é tangível. A vida começou num jardim, uma realidade aromática que será o espaço da vida. Deixar de aperceber os cheiros da vida é deixar de perceber a própria vida.

Cada ser humano tem o seu cheiro e mesmo que se perfume, este mistura-se com o seu cheiro pessoal, personificando-o. O perfume é O único sentido que quer atrair.

O olfacto tem uma ligação directa à nossa memória. O primeiro é o cheiro do corpo da mãe, do seu leite. É o sentido familiar do cheiro. O olfacto também entra na história da pessoa que reza. Reconhece-se o âmbito do sagrado no cheiro das velas, do incenso.. Liga-se o cheiro dos hospitais à ideia de sofrimento, mesmo a assepsia nos cheira a dor. Cada cheiro faz surgir uma emoção distinta: o cheiro da comida do nosso tempo de infância lembra-nos a nossa mãe, o cheiro das pessoas de quem gostamos.

A nossa oração nunca pode ser asséptica e estar de costas para a dor. A nossa oração é muitas vezes oração de Getsemani e de Calvário.

Os cheiros, todos os cheiros

Me chegam e me interpelam

Que magia a sua!

Tornar viva a presença

Daquele que morreu

E que afinal vive!

A oração é o lugar não físico mas íntimo onde se respira Deus, o alento vital da natureza. O olfacto É como que o divino da criação. O cheiro do filho penetra nas entranhas maternas.

Que a minha oração suba para Deus como o cheiro do incenso

Que as minhas mãos suplicantes sejam como oferenda vespertina

(Sl 140 1-2)

Então, o incenso sou eu, eu sou oração que reza. Deus deixa-se invadir pela inconfundível fragrância duma humilde oração. Isto é, orar é respirares em direcção a Deus e respirar Deus na tua oração. Sentes, cheiras a minha oração, Senhor? Se respirasses a minha oração, não o suportarias e me escutarias. Eu sou a oração que quer subir à tua presença, o incenso é somente um pretexto. É o meu corpo, são os meus sentidos.

Rezar com o sentido do olfacto é orar inspirando Deus em cada abertura do teu nariz e dos teus pulmões. Tudo cheira a amor recém estreado. Deus cheirando com a alma o mesmo perfume criador, fascinados, seduzidos, embriagados...

"Embriago-me de aromas, que delícia, como campo sobre o qual choveu há pouco tempo" (Dámaso Alonso).

A alma sensível deleita-se, embriaga-se ... Deus segue-te como o ar e está onde tu estás para fazer reforçar a tua relação com ele. São como a noiva e o noivo a cantar. Terra árida mas inundada de aromas, terra fecunda, cheia de Deus.

*Antes que sopra a brisa do dia
E venham as sombras
Irei ao monte da mirra
À colina do incenso. (Ct 4,5-6)*

Deixando os meus cuidados esquecidos entre as açucenas. (São João da Cruz)

Os nossos amores cheiram a Deus melhor do que todas as flores. Há muitos perfumes que me embriagam e me atraem, que prostituem o meu sentido do olfacto, mas sinto que o meu amor veio ao seu jardim, que deu ao meu fruto um odor especial, um fruto que somente ele consegue cheirar, que sabe distinguir o meu entre mil outros odores.

Porque nós somos para Deus o bom cheiro de Cristo (2 Cor 2,15). A fragrância do Filho. Uma fragrância que se mostra amando. Somos oferenda e vítima do seu cheiro (Ef 5,2). Cheira a divino quem se deixa inundar pelo divino. Somos o bom cheiro de Cristo para Deus e para o mundo. Foi Deus quem derramou o perfume de Cristo nos nossos corações.

Necessitamos dum certo olfacto purificador que nos ajude a discernir o que se relaciona com a bondade do reino. Olfacto para detectar o que cada um pode dar de si, para tirarmos o maior partido do nosso projecto vital. Necessitamos de ter olfacto para viver segundo o estilo de Cristo.

A mulher do perfume rompe-se simbolicamente derramando-se toda inteira. Jesus fica ungido mas também todo o ambiente Ensina-me a abrir os meus sentidos, ensina-me a romper-me para ungir os meus irmãos, para perfumar a vida dos meus irmãos, ensina-me a gozar o perfume da tua ressurreição hoje!

ORAR COM A VISTA

Os cristais dos meus olhos não estão limpos e não me deixam ver. Trocar os meu cristais com os cristais de Deus. Vê tu com os meus e eu com os teus. A capacidade humanizadora que têm os olhos. Não há pior cego do que aquele que não quer ver. Dizem os filósofos que as coisas só existem quando nos apercebemos delas. Povo néscio e sem prudência que tendes olhos e não vedes (Jr 2,21).

Não queremos ver o que vemos quando nos chegam as imagens de tanta gente morta de fome. Se tivéssemos a ousadia de ver, teríamos de mudar as nossas formas de ver e de as tornar diferentes das nossas maneiras de viver. Há várias formas de ver e de olhar. Temos que começar por fazer ginástica visual e tentar colocar-nos abaixo dos olhos do outro.

*Ter a coragem de nos olharmos em profundidade e ver como somos.
Deixar para trás a visão de vítima
Com uma visão de esperança
Com uma visão solidária e desagarrada.*

Ver com os olhos de Deus: e eu vi como Deus era bom. Em primeiro lugar há que pôr luz onde está o caos. E vemos então a pergunta de Caim, "Que fizeste com o teu irmão?"

Perdemos o tempo em ideias e palavras mas não vemos. Neste mundo tão desumanizado temos necessidade de ver com os olhos de Deus, recuperar a sua maneira de ver para devolver a vida ao mundo do caos em que estamos submergidos.

E Deus quando olha, vê a aflição do seu povo. O nosso coração deveria partir-se quando vemos tanta dor à nossa volta. E sabemos que Deus tem o seu coração entristecido como tantos homens e mulheres que se atreveram a olhar.

Que fazeis aí a olhar para o céu? Há que pôr os nossos olhos sobre a terra. Já não estás no céu, mas neste mundo, primou a imanência. Só podemos encontrar o teu rosto entre as pessoas que nos rodeiam. E tu, com um sorriso nos lábios, vês as pessoas que não são perfeitas, como eu não o sou, e vês-nos como amor porque sabemos que és assim. A grandeza da pessoa está no que é. Começar por reconhecer que somos cegos. Vemos o argueiro nos olhos dos outros mas não nos nossos. Necessitamos da sensibilidade dos olhos de Deus para ver tantos lugares de dor onde se pode ajudar. Como ligaste os olhos ao coração, dás-lhes vida. Durante toda a sua vida, Jesus viu os que sofrem e deixou-se tocar pelas situações de dor que viu. Uma visão que fez nascer vida entre os que encontrou, especialmente aqueles que eram mais mal considerados.

É um olhar de investigação, mas cheio de amor. A resposta ao sorriso de Deus é um cruzamento de dois olhares que levam a pessoa a reconhecer-se e a ser reconhecida. Diz Charles de Foucauld: *“Eu olho para Deus amando-o e Deus olha para mim amando-me”*. Um olhar que nos convida a ver quantos pães e peixes temos para repartir. Leva-me a ver o que tenho e a reconhecer o que sou. Leva-me também a reconhecer as maravilhas de que somos capazes de fazer na vida. Convida-me a olhar com ira para a injustiça. Obriga-me a olhar e não condenar.

A tentação de olharmos de cima, um olhar de poder, deslumbra-nos. Temos que ser capazes de escutar todos e de não nos deixarmos dominar por ninguém. Tal não nos obriga a ficarmos fechados em nós mesmos.

*O olho que vês não é
Olho porque tu o vês.
É olho porque te vê.
(A.Machado)*

É bom porque não estou só; é preocupante porque me deixa todo à vista, como se estivesse nu. *“Sou um ponto de vista sobre o qual se têm pontos de vista que eu jamais poderei ter”* (Sartre). O que és aos olhos dum amigo, dá-te ideia do que és aos olhos de Deus. Há que dar graças a Deus por todos estes olhares de amor com os quais nos temos cruzado na vida.

Vejo as pessoas pelo o que elas me possam dar? Também me dou conta do que necessitam? O olhar de Jesus valoriza o bom, acolhe-te como és, dá-te novas oportunidades e que diz vê, faz tu também.

Olhando, vêem e não vêem (Is 6,9). Incomoda-me o desperdício dos meus olhos, por ter uma visão tão desumanizadora. Às vezes fugimos da escuridão, negamos o direito que tem a eloquência. Senhor que vês o que dizemos à boca pequena. Muitas vezes cremos que te vemos porque olhamos para o céu e não nos damos conta que estás na terra.

ORAR COM O PALADAR

Rezo com o paladar, se bem que às vezes reze sem gosto. O gozo e o prazer de gostar. Tenho medo do paladar quando estou consciente da fome de meia humanidade. Prefiro esquecê-lo em muitas ocasiões, mas não o quero esquecer sempre. Saber que me é sempre possível tomar o pequeno almoço, almoçar e jantar. Que bom, mas bom seria também compartilhá-lo ... A sorte que temos em conseguir distinguir entre os diversos sabores, de não sofrermos nem de bulimia nem de anorexia, de não ter fome, de reconhecer mil alimentos diferentes. A quimioterapia, as doenças, a falta de dentes, os que não conseguem comer e ter prazer (muitas vezes, uma anorexia disfarçada de ascese)... No quero negar o meu corpo, pois não me parece cristão. Jesus separou-se de João e chamaram-lhe comilão e bebedor porque gozou e teve prazer na vida.

Não posso viver por eles, mas deixo-os entrar na minha oração. Penso naquelas crianças já mães, que não escolheram a maternidade e que nada têm a dar dos seus pequenos peitos. Nas crianças que nunca apreciaram o ter uma mãe. O amor, a comida e a mãe – uma trilogia que esteve presente nas nossas vidas. As mães como primeiras Evas que provam primeiro e logo

depois repartem a comida. Hoje em dia há tantos filhos únicos que não aprendem a repartir. Antigamente comia-se do mesmo prato e da mesma malga, mas hoje em dia é tudo individual. Muitas mães aprenderam a amar oferecendo comida. A cozinha pode ser muito criativa ... Gosto de pensar que cozinhaste à beira do lago para os teus amigos (Jo 21, 9-13).

A nossa eucaristia perdeu os seus símbolos de alimento, pois a hóstia é insípida e o vinho só é bebido pelo sacerdote. Partir o pão na eucarística aproximar-nos-ia mais da ideia do que é o nosso credo. Uma fé de todos, um alimento para todos.

Comer pode ser incompatível com a ansiedade. A ansiedade da sensação de fome. É alimento de que não necessito. É a sociedade de consumo, os saldos nas lojas onde acabamos por comprar coisas de que não precisamos para nada.

Nas campanhas contra a fome compreendo o que é o jejum. Solidarizo-me com um sofrimento que desconheço sempre que ajudo com o dinheiro poupado para repartir os alimentos. O jejum moderado também tem sentido para não engordarmos demasiado, para não forçar o nosso corpo a suportar um peso maior do que o que deve ter.

O gosto, o paladar não se mantém sempre no vértice; há momentos de maior e de menor intensidade e duração.

O pão que pedimos quando rezamos o Pai-Nosso é o mesmo que nos dava a nossa mãe. O pão como sinal de amor. Também os pobres, graças a Deus, têm os seus momentos de prazer a comer. Continuamos porém com fome de palavras de amor, e de ternura, de carinho. Um pão sem sal é insonso e nós, os cristãos, nascemos para devolver sabor a um mundo que o perdeu.

Contemplemos as refeições de Jesus. Não se dava atenção às normas. Não se recusavam convites nem havia problemas em convidar certas pessoas. Passaste horas à mesa e apreciavas a comida e a conversa a seguir. Gostavas de comer; eras da região do Mediterrâneo: Diz--me com quem comes e te direi quem és. Jesus passou a vida a cortar as barreiras da separação. Nós não o fazemos se bem que haja muitos cristãos que o façam.

A comida de Jesus, o gostar do seu pão está intimamente relacionado com comer com os outros e em teu nome. Continuas a convidar-nos a dar de comer aos outros. Não deixes que me sacie e me farte, e que me esqueça do que se passa à minha volta.

ORAR COM O TACTO

A aspiração máxima do ser humano é encontrar-se no meio dos braços de Deus, tocar-lhe e ser tocado. É um objectivo que se tem para não nos conformarmos com encontros fugazes. O filme “Marcelino Pão e Vinho” é o melhor exemplo. Como paradoxo, encontramos-nos com o movimento centrípeto que nos faz aproximar da divindade já acompanhado dum centrífugo que nos lança para os outros. Porém, a nossa hora ainda não chegou e os nossos braços, pés e bocas têm de servir de tacto de Deus para os outros. Cansadas/os do nosso trabalho voltaremos todas as noites às nossas águas-furtadas e aos encontros com Cristo. Um dia há chegar em que Ele nos toma no seu regaço.

O tacto faz-nos reflectir sobre a dureza do nosso coração, sobre a impossibilidade que Deus trabalhe as nossas almas insensíveis e de pedra. Fizemos moldes, estuques e caixas que não permitem que Deus entre no nosso interior, levantámos toda a espécie de defesas.

A dureza da pedra da gruta tem de ser exclusivo de Deus, um Deus que nos serve de refúgio, um Deus que, quando nos apoiamos nele, Ele se acomoda à nossa forma. Se Deus moldou o nosso crescimento espiritual porque continuamos tão inflexíveis com os outros? Há ocasiões que somos nós que temos de servir de gruta, de refúgio para os outros, eles não conhecem a nossa fragilidade, mas quando se apoiam em nós, não lhes mostremos a dureza da pedra mas uma superfície de algodão.

Pedir a Deus um coração que se mostre interessado pelas alegrias e tristezas dos nossos irmãos, doloridos pelo sofrimento alheio e contentes com as suas alegrias.

O tacto de Deus reflecte-se muito bem no relato da criação: as mãos do oleiro e escultor de Adão e Eva. Deus também nos teve na sua mente antes de nos formar. *As tuas mãos me formaram*, diz Job. Muitas vezes gostaríamos que Deus nos tivesse feito doutra maneira, temos inveja do corpo dos nossos amigos e não vemos que, à nossa volta, há muita gente com pior sorte do que a nossa.

Deus continua a intervir na nossa forma de ser, mas agora com a nossa colaboração. Não são mudanças muito aparentes mas somente Ele que as faz sabe quão difícil é eliminar um traço que nos torna feios. É com isso que contamos com a sua companhia. “*Aonde tu vás, eu irei, onde tu habitares, eu habitarei*” é a presença constante dum Deus que não nos abandona. Mas, às vezes, não sentimos essa mão tão próxima, por isso há que pedir a Deus que nos deixe vê-la e que não retire a sua mão de todos os que dela necessitam. Assim, esse contacto revitalizará as suas forças.

As mãos de Jesus estavam calejadas por causa do trabalho manual. Partilhou com o mundo inteiro, o suor, o trabalho... conhece o custo do pão. Por isso, quando tem o pão nas suas mãos, leva com ele o mundo inteiro, é o pão duma multidão.

São mãos que levantam da prostração como fez com a sogra de Pedro, a força do Senhor que devolve a vida, que liberta de tudo o que nos constrange e nos impede de construir o reino, que acaba com as escravidões. O que é que nos constrange? Que doenças temos? Já sentimos as mãos de Jesus que curam?

Não há causa perdida para o tacto de Jesus, ele que inclusivamente libertou da morte a filha de Jairo. Fê-lo quando ninguém acreditava que tal fosse possível. Será que nós acreditamos o suficiente? O simples contacto com a mão de Jesus devolve a vida. Realmente pouco espectacular, mas muito real.

Temos medo de Deus, medo das exigências do cristianismo... Onde é que eu me meti? Se não sou ninguém, se me faltam forças... Esta fragilidade é o que faz com que Pedro se afunde ao caminhar sobre as águas. Começou iludido e intrépido até que duvidou das suas forças. Mas disse: Senhor salva-me, estende-me a mão, não deixes que me afogue. Pedro não é muito diferente do resto dos humanos. Muitos exegetas dizem que o texto representa os problemas da primeira Igreja, o afundar da pequena nave perante as perseguições de uns e de outros. Todos temos que sentir a mão de Jesus para fortalecer a nossa fé: Mestre, salva-nos senão morreremos. Diz um verso: estende a mão a todos para que te encontre quem te procura. Ajuda-nos a não perder a ilusão do primeiro momento, ajuda-nos a saber que as tuas mãos estão perto e ajuda-nos também a pormos as nossas mãos ao serviço dos outros.

Há que perder o medo de tocar em Deus como fez a hemorroíssa. Atreveu-se mas não lhe foi fácil. Como é que ela, uma mulher impura, iria tocar num homem? Ela sabia intimamente que o tacto do profeta seria capaz de realizar milagres, tocou para ser curada. Nós tocamos na janelinha de Deus para o mesmo. Teve que ter os mesmos sentimentos que nascem do sacramento do perdão: ligeireza, alegria, plenitude, vontade de partilhar com as outras pessoas...

Esta mulher teve fé na sua própria pessoa e atreveu-se a levantar a voz em público reconhecendo o que tinha feito. Não é fácil levantar a voz num fórum que sabemos que nos é adverso. Envergonhamo-nos de reconhecer a nossa categoria de cristãos praticantes: anti-progressistas e beatos serão os epítetos com que nos etiquetarão os que não pensam como nós.

A mulher do perfume não sentiu o escândalo como obstáculo. Não se importou com o desprezo dos outros. Tem ânsia de Deus e faz o que é proibido fazer no templo: beija, chora, seca, toca... uma, outra e outra vez. Tem de tocar para experimentar a salvação. Jesus também gosta desse contacto, da humidade das suas lágrimas, que lhe afaguem o cabelo... O que começou por ser um contacto entre eles, expandiu-se por toda a sala, o perfume misturado com o cheiro de Jesus e daquela mulher. Que nós sejamos capazes de proclamar a nossa fé como aquela mulher e que não levantemos muros, visíveis ou invisíveis para o contacto humano.

Onde é mais visível tocarmos em Jesus Cristo é na eucaristia. Nós, leigos, tocamos com as nossas mãos a matéria que logo depois entra na nossa boca. Uma mão vulgares não consagradas. Com Cristo nas nossas mãos estamos obrigados a muitas reflexões: recordar todas as pessoas que intervieram no processo, a dar aos outros de comer, a saber repartir pão mesmo que a própria ração seja diminuta. Disse León Felipe “*creio no homem honrado que quando nos dá o seu pão tem o corpo de Cristo entre os dedos*”. Mas não somente o pão, também o sorriso, o aperto de mãos, a oferta duma flor...

Pedimos a Deus nas nossas orações que, cada vez que tivermos a sua forma nas nossas mãos, faça que estas sejam menos possuidoras mas que as convertam em mãos generosas, mãos que tenham perdido o afã de possuir para o transformar num desejo de dar.

As mãos da passividade, da doença, da velhice, da impotência também estão reflectidas no berço e na cruz de Jesus . Tinha as mãos atadas e em todo o seu corpo se notava o tacto de espinhos, de chicotadas, do roçar da madeira não polida ... o tacto imposto pelos seus carrascos. Quantos seres humanos viram os seus corpos ultrajados, violados, humilhados, atormentados! Também os horrores da doença, dos tubos, dos exames com máquinas estranhas, mas que curam. Não sabemos como, mas, da mesma maneira que aquele tronco da cruz se converteu em árvore da vida, muitos sofrimentos fazem crescer. Entretanto, temos que ter os olhos bem abertos para estender uma mão a todos os que estão sofrendo nos seus corpos cheios de dor, abrir os nossos braços em cruz para que caibam neles o maior número de pessoas.

Dar-lhe, dar-te, dar-nos, dar-se!
Não fechar nunca as mãos
Não se esgotarão as mesmas
Nem os beijos, nem os anos.
(Pedro Salinas)

Jesus morre e deixa todo um programa para os seus seguidores, um programa que se resume com toda a simplicidade no relato da lavagem dos pés aos seus discípulos. "*Compreendeis o que fiz convosco?... Dei-vos o exemplo para que também vocês façam como eu fiz*". É que Deus não conta com outras mãos, outros pés, outros braços, outros lábios além dos nossos e é de nós que depende sermos capazes de mostrar a sua presença e conseguir que o seu reino, o caminho começado por Jesus Cristo, continue o seu percurso.

Cobrirmo-nos com a terra que Cristo pisou equivale a submergirmos em Deus e, por meio da oração, descobrir qual é o caminho pelo qual temos de levar a nossa vida. Um caminho no qual os nossos pés irão procurando as pegadas de Jesus para as pisar com uma intenção dupla: não estragar o caminho e encontrar nelas a força para seguir esse caminho. Haverá dias em que os nossos "*pés se enrolam nos lírios e as mãos em jasmims*", outros haverá em que só encontramos "*pedregulhos traiçoeiros que os nossos olhos não conseguiram ver*", outros ainda haverá, em que o nevoeiro cobrirá a zona e nós, cegos, teremos de nos deixar guiar pelo cajado do pastor que se ouve por perto. Então rezaremos:

Põe as tuas mãos nos meus olhos
para me guiares como um cego
pelo terrível labirinto
da minha escuridão e silêncio
(José Bergamín)

As nossas mãos são o melhor veículo que temos para nos relacionarmos com o mundo. Abertas, permitem-nos tomar o espaço que nos rodeia, tocar no mundo material, ser ternos e acariciar os nossos semelhantes, ao sentir fome, levar a comida à nossa boca; se agressivas, ferir outros que estão ao nosso lado,; se egoístas fecharem-se sobre si mesmas. Levamos inscrita nas nossas mãos a opção fundamental que adoptámos para a nossa vida, elas revelam as nossas preocupações, a nossa generosidade... são a imagem externa de nosso coração endurecido ou sensível. As mãos dum cristão têm um programa de trabalho muito apertado.

As nossas mãos comprometer-se-ão em levar o bálsamo da misericórdia a todos os que dela necessitam. Uma misericórdia que para alguns se concretizará em palavras de consolo e de alento, enquanto que para outros será acompanhada de acções pontuais. As nossas palavras, o nosso dinheiro, o nosso tempo... com a generosidade de voltar amanhã para saber se a ajuda inicial terá sido suficiente. "Por mim, se os cuidados exigirem um pagamento maior, dar-to-ei" diz o bom samaritano ao estalajadeiro. É um compromisso que nos leva muito longe, um compromisso que dói e que termina nem no tempo nem no dinheiro que nos sobra mas que exige dar o necessário. Teremos que pedir ao Espírito Santo que venha em nossa ajuda e nos dê a força para combater o egoísmo.

Os nossos braços abrir-se-ão para acolher e para abraçar todos os que estão sedentes de carinhos, um empenho que começará pela nossa família: o nosso cónjuge, os nossos pais, os nossos filhos.

Que todos saibam, mediante as nossas palavras e graças à linguagem do corpo, que ocupam um lugar muito grande no nosso coração. Mas o coração tem muito lugar e não se esgotará com estes parentes. Sobra ainda espaço mais do que suficiente para acolher os amigos e os conhecidos. Mas também nos devemos sentir obrigados a arranjar um lugarzinho para os necessitados, para aqueles que não conhecemos e que necessitam de nós. Um lugar especial se estão doentes, se têm doenças contagiosas, se o seu aspecto repugna... pois são precisamente esses os que mais agradecerão o nosso beijo e o nosso abraço já que têm falta de sinais de carinho.

Os nossos braços abrir-se-ão em cruz para aceitar as cargas de nossa vida e para ajudar todos os que se sentem fragilizados num determinado momento para carregar com o seu fardo. É a primeira consequência para nós, que nos chamamos cristãos, pois somos seguidores de Jesus Cristo e o nosso líder morreu por não se afastar do caminho que Deus havia marcado para ele. Todos os caminhos têm as suas cruzes! Mesmo quando umas parecem mais pesadas do que outras. Uma carga que Cristo promete aliviar "Vinde a mim todos os que se sentem dobrados com o peso da vida". É um convite para confiarmos na sua ajuda, para colocarmos parte da nossa carga sobre os seus ombros de Simão de Cirene, que não vemos mas que caminha ao nosso lado pronto a dar-nos uma mão para não cairmos no chão. Outras vezes toca-nos para que ofereçamos os nossos ombros e façamos nós de Simão de Cirene em relação ao nosso próximo. Que sorte ter os ombros largos e poder pô-los ao serviço dos mais fracos! `Basta olhar à nossa volta, e os nossos olhos verão as carências dos outros.

As nossas mãos terão a tentação de esmagar o que caiu; e, no entanto, a sua obrigação seria levantá-lo do chão para que seja capaz de retomar o seu caminho; a obrigação de levantar todos aqueles para quem ninguém olha pois não querem ver a reprovação no seu olhar. As nossas mãos deveriam estar estendidas para amparar o que escorrega, para servir de apoio firme ao que vacila, para fazer de cajado ao ancião... mãos atentas às necessidades dos que pedem ajuda e dos que, por vergonha, não o fazem. Muitos desistiram de pedir ajuda aos homens que se chamam cristãos, pois bateram-lhes à porta e esta não se abriu! Quem sabe se a nossa resposta afirmativa lhes faça reencontrar a esperança na solidariedade do ser humano.

As nossas mãos farão algo tão simples como estender-se para saudar um amigo; juntar-se para aplaudir e felicitar os que alegram a nossa vida e os que realizam acções que merecem o nosso louvor; ser mãos largas para dar de comer aqueles que não o podem fazer sozinhos; baixar-se para calçar os sapatos e vestir os que não podem; pegar num copo para dar de beber e num algodão para limpar as feridas...

As nossas mãos – e mesmo que nos pareça mentira - também têm uma missão: bendizer as mãos dos outros. Bendizer é falar bem dos outros, criar um ambiente positivo em relação aos nossos semelhantes e não atizar o fogo da maledicência. Desejar-lhes o bem e para todos o carinho e a misericórdia de Deus. As nossas mãos saem das sombras da noite e iniciam a manhã levantando-as para Deus e entregando-lhe o dia que começa, pedindo-lhe que consagre o dia, que santifique as coisas e as pessoas. Que tudo se converta num espaço divino que devemos respeitar e que temos a obrigação e o prazer de amar.

2ª Conferência: ORAR COM OS ELEMENTOS*

Vimos a necessidade de utilizar ao máximo os cinco sentidos com os quais nos adornou o Criador para chegarmos até Ele. Nesta reflexão vamos seguir um caminho lógico que supõe abrir esses mesmos sentidos ao mundo que nos rodeia, tendo a consciência de que os sentidos são para o homem o que os elementos são para a natureza.

O cristianismo não é uma religião individualista, pelo contrário, começa a sua oração pelo Pai Nosso. Um nosso que deve abarcar todo o cosmos criado e invadido pela presença de Deus. Temos de ser capazes de encontrar Deus neste mundo que está cheio da presença divina. Algumas vezes uma presença que brilha com grandiosidade, outras vezes oculta e difícil de vislumbrar. Exemplos do primeiro seriam o amanhecer ou o entardecer no mar ou na montanha; do segundo as os depósitos de lixo que os seres humanos formam à volta das cidades. Ali também está Deus.

Dizia Paulo que os judeus foram culpados de não se encontrar com Deus apesar da revelação da Torah, mas que os pagãos também o foram por não terem sido capazes de ver Deus na Natureza que os rodeava. Nós não podemos cair no mesmo erro e devemos procurar o encontro com Deus no mundo concreto onde nos coube viver. Não somos monges contemplativos encerrados em conventos ou claustros. Temos de ser capazes de elevar as nossas vozes a Deus a partir da beleza de uma natureza luxuriante ou do cosmos ferido, pois Deus está em todo o lugar e talvez melhor e com mais intensidade nos depósitos de lixo e nos bairros marginais que envolvem as grandes cidades do Terceiro Mundo.

Para ajudar a nossa reflexão vamos utilizar os quatro elementos que, desde tempos antigos, se considerava que compunham o mundo. Vamos orar a partir da terra, da água, do fogo e do ar. E vamos talvez ficar surpreendidos ao verificar que a nossa particular maneira de ser vai influenciar a nossa oração neste caminho.

A terra vai a favor da corrente das pessoas com sentido do real, agarradas ao solo, pragmáticas... mas devemos estar conscientes do perigo de cair num materialismo excessivo. A água conduz-nos suavemente ao misticismo, à vida interior e psíquica, mas com o perigo de nos afastarmos excessivamente da terra e cair num espiritualismo desencarnado. O fogo é um símbolo idóneo para as pessoas que são vivas e enérgicas, mas a ânsia de subir e de fazer pode alhear-nos das nossas reais possibilidades. Com o ar tornamo-nos mais subtis e somos capazes de não contradizer, mas, ao mesmo tempo, podemos converter-nos em pessoas instáveis, prontas a seguir qualquer movimento.

Daí que o nosso caminho orante deva ter consciência de que umas vezes a nossa oração terá os pés bem assentes na terra, enquanto que outras o nosso eu poderá voar até lugares mais elevados. Vamos utilizar os quatro elementos que formam o cosmos para ver formas possíveis de orar.

A TERRA COMO GRANDE TEMPLO DA CRIAÇÃO

A terra está por baixo de ti, rodeia-te, sustém-te: Portugal, Lisboa, uma povoação... Ao lado do mar ou no alto da montanha. Toda a terra é nossa casa e nosso jardim, mas nascemos numa parcela concreta e vivemos num recanto específico do mundo. Tudo está vivo, cheio de energia, há flores se formos capazes de as ver...Pensa naquilo de que gostas mais na terra: mar, montanha, cidade, rio, aldeia...Pensa que formas parte dela. É o princípio feminino do lar, do aconchego, da estabilidade, da pertença. Mas é também um espaço envolvente e misterioso. A Pacha Mama, a grande nutrícia. Berço e ataúde como o próprio Deus. Nascemos do barro e voltamos à terra que nos acolhe. Pensa em tudo o que não se vê como o mundo subterrâneo, as camadas profundas dos oceanos. Todos juntos, formamos uma unidade.

Pára e pensa: Qual a conexão interior de tudo? Deus tece, como diria Rof Carballo, a rede que entrelaça tudo com tudo. Uma rede que é a presença oculta de Deus. *Interior íntimo meo* diria Santo Agostinho. Uma interioridade que nos faz a todos irmãos, desde o mais pequenos dos seres criados até ao maior que é o homem. Tu também és obra das suas mãos, parte da criação. És uma expressão de fraternidade solidária.

Repara no que te envolve pois o rosto único de Deus mostra-se-nos de forma plural. Ao falar da terra deixa-te levar pela admiração das galáxias e dos oceanos e louva o seu criador. “*Do Senhor é a terra e quanto nela existe*” (Sl 24,1). És proprietário, mas não um proprietário ausente, antes um inquilino.

* Tradução de Ilda Pires

Convive com o mundo criado e dá-lhe vida. A presença de Deus enche tudo, tudo vivifica, é a criação contínua. “*Tu és Deus e os teus braços doridos e esgotados sustentam o mundo*”. É um hino que fala do sofrimento de Deus. Uma das primeiras imagens de Jesus Cristo era o pastor com uma ovelha aos ombros que depois passou a ser um globo terrestre nas mãos.

Uma terra devastada, as cidades depósitos de lixo, a água poluída. “*Profanastes a minha terra*” (Jer 2,7). Oramos por e numa terra moribunda. Uma imagem daquilo que fizemos com a nossa vida: Cura o que está enfermo! Ressuscita de novo o universo! Faz com que os campos dêem colheitas generosas! Que os homens sejam capazes de amar-se! Auguramos a promessa dos novos céus e da nova terra.

Dizia Teilhard de Chardin que em Cristo havia três naturezas: divina, humana e cósmica. O movimento ascensional de toda a criação para Deus era o seu empenho e o nosso trabalho é facilitar esse caminho. Aclamai o Senhor, terra inteira! Nem tudo é poluição. Há coisas lindíssimas e, naquelas que perderam o seu esplendor, também está Deus.

*Oh, bosques e espessuras
Plantadas pela mão do Amado!
Oh prado de verduras
De flores esmaltado!
Dizei se por vós passou!*

*Mil graças derramando
Passou por estes soutos apressado!
E enquanto os ia olhando
Apenas com a sua figura,
Vestidos os deixou de sua formosura!
(S. João da Cruz)*

Temos que ler estes versos devagar e ver onde reside para nós essa formosura que Deus deixou na terra. Dai-lhe graças e pedi perdão pela nossa parte de culpa na degradação. Pensai também nas árvores que plantastes, nas flores e nos papéis do chão que apanhastes. Temos de pensar na terra mãe e em todos os dons que nos dá e que nos tornam a vida grata. O pão acabado de sair do forno, a eucaristia fruto do trabalho conjunto de Deus e dos seres humanos.

Experimenta deixar voar a tua imaginação e pensa: Como será a terra futura, esses novos céus e nova terra que são a esperança de todos os seres humanos? O que me espera? Quais são as moradas que Deus nos preparou? O céu é um lugar que começamos a gozar aqui? A nova terra é no final das nossas vidas? Que fizemos do já? Ou a dor e o sofrimento de muitos momentos da vida impedem-nos de gozar o já, mas ainda não?

Sentir-se rodeado por todos os lados dos braços de Deus. Isso muda a existência pois se vê Deus em tudo. Diz Teilhard que se conseguíssemos operar essa conversão do nosso olhar esta pobre terra humana se cobriria de esplendor. (Vemo-lo embora não seja assim e pomos mãos à obra para que o seja).

A ÁGUA

Nos relatos da criação, um começa por um deserto sem água e outro por um caos aquático. A água será o petróleo do séc.XXI, as grandes batalhas e as lutas do nosso mundo serão em busca da água. Na Espanha já há muitas zonas que dizem às que têm menos recursos hídricos: a água é nossa. Já há mais de um terço da população mundial que não tem água potável e não parece que a situação melhore, antes pelo contrário. Pode-se dessalinizar a água do mar, mas isso produz um efeito estufa que também não é bom. Parece mentira que a água, que parecia uma coisa sem importância se tenha convertido em algo tão precioso.

Mas, para além dessa água física de que todos precisamos para viver, há a água simbólica. Todos caminhamos por um deserto e estamos cheios de sede, procuramos um oásis para refazer as nossas forças. A samaritana e Jesus encontram-se no poço da vida. É curioso porque é ele que começa a conversa pedindo água e acaba por ser ela que diz: Dá-me de beber! Um diálogo a que todos estamos

convidados. Que bebida precisa cada um de nós nestes momentos? A água de um desportista que se empenhou durante várias horas ou a de um homem sem forças que pede uma gotas para continuar.

*Quero ser no teu caminho o manancial eterno
Ao qual se volta sempre depois de todas as fadigas,
Por muito que te afastes, até ao bosque mais virgem
Levar-te-ei a minha água
Bebe-me depressa! Esgota entre os teus lábios a minha linfa humilde e pura
Ainda que fique exausta, brotarei novamente da primeira rocha.*
(Ernestina de Champourcin)

Vimos da água (líquido amniótico) e voltamos para a água: os nossos rios vão dar ao mar que é o morrer, diz um poeta espanhol do renascimento. Assim, a água converte-se num símbolo, por antonomásia, da vida humana. É algo muito presente em todas as religiões. Diz Isaías: “*Tirareis água com alegria das fontes da salvação*” (Is 12,3). Mas o Tao tem um pensamento semelhante quando diz:

*A Bondade Suprema é como a água.
A água dá vida aos 10.000 seres
Sem fazer distinções.* (Tao Te King)

Uma água que purifica

Também todas as religiões pensaram que o pecado era uma mancha que afastava de Deus. As manchas tiram-se com água, lavam-se, daí que a água se converte em elemento básico de purificação. De que temos nós de nos purificar? Uma vez realizado esse trabalho já não nos sentimos pesados, podemos voar mais alto.

*Eu vos aspergirei com águas puras,
Que vos purificarão de todas as manchas
E de todos os pecados.
Dar-vos-ei um espírito novo.* (Ez.36,25-26)

Uma água que tira a sede

Dizem que o ser humano é um composto onde o líquido constitui 90% do seu corpo. Daí que podemos viver muitos dias sem comer alimentos sólidos e, pelo contrário, muito poucos sem água. É isso que faz com que sintamos sede com muita frequência. Uma sede física mas também espiritual. Temos um desejo de felicidade, de eternidade, de totalidade que só Deus pode preencher. Daí toda uma série de textos bíblicos que fazem alusão a essa água que só Deus é capaz de dar.

Todo aquele que beber desta água nunca mais terá sede. (Jo 4,14)
Tive sede e deste-me de beber (Mt 25,35) (faz das minhas mãos uma concha...)
Transformarei o deserto em lagos; a terra árida em arroios de água. (Is.41,18)

Uma água que rega

A maioria de nós somos pessoas que escutaram a palavra de Deus nalgum momento da sua vida. E essa palavra floresceu e nasceram os primeiros rebentos. Mas com frequência essas pequenas plantas deixaram de crescer e não morreram porque de vez em quando nos lembramos delas e damos-lhes umas gotas de água que as mantêm vivas. Num texto de Jeremias, Deus queixa-se:

*Abandonaram-me a mim, fonte de água viva
E cavaram cisternas rotas
Que não podem reter as águas* (Jer 2,13)

Cada um terá de pensar quais são as suas cisternas gretadas, onde coloca a sua as suas ilusões e onde procura essa água que não chega a regar o seu coração.

Uma água em que nado

Portugal é um país com bom clima e muita costa. É certo que a água do Atlântico às vezes é fria, mas o clima convida-nos a meter-nos nas suas águas e nadar. Sentimo-nos livres, o corpo não pesa, a água corre por cima de nós dando-nos uma sensação de bem-estar. O que é que me faz nadar até Deus? Que sacramento ou acto diário me faz sentir-me livre para seguir aquilo em que acredito?

Uma água que une os continentes e os povos.

Neste tempo de crise mundial temos medo do Mediterrâneo e fechamo-lo para que os do sul não passem. E, no entanto, o mundo não pertence a ninguém mas é de todos. É verdade que nem toda a gente pode mudar de país, pois não encontraria trabalho nem casa. Mas nós, os cristãos, temos de estar conscientes da água que Jesus Cristo nos pede. Deixar-nos levar, e fazer pontes por onde passamos.

Diz o Tao: “*Não há nada no mundo tão macio como a água, mas nada a supera contra a dureza*”
.Que o nosso coração não seja essa água que parece um muro quando caímos de grande altura, mas que se converta num líquido no qual aqueles que nos rodeiam se encontrem livres, e confortáveis desfrutando da nossa companhia.

Sê como a água

*Porque te revoltas? Porque agitas a tua alma?
Tonto! Se compreendesses as alegrias infinitas
De te agarrares aos desígnios do Senhor que nos rege!...
Que queres? Porque sofres? Que sonhas?
Que te aflige?
Pretendes ser ditoso? Pois bem,
Sê como a água:
Veste, cantando, o traje de que o Senhor te veste
E nunca estejas triste, que é pecado estar triste.
Deixa que se cumpram em ti os desígnios da vida
Sê declive, não rocha; transforma-te e aconchega-te
Lá, onde o Senhor quiser, e
Murmura: Que se cumpra a santa lei de Deus!
Assim me falou a água com mística repreensão,
E eu, rendido ao santo conselho da sábia,
Sabendo que é o Pai que fala dentro da noite,
Clamei com o apóstolo ao Senhor: Senhor, que queres que eu faça?*

Está muito claro o que temos de fazer. Da nossa parte: “Está feito! Àquele que tiver sede dar-lhe-ei a beber gratuitamente da fonte da água da vida”.(Ap 21,6)

O AR

*Mas o vento, esse vento que trabalha comigo
E que me guia.
Esse vento sopra às vezes e articula palavras...
Tudo o que sei, ensinou-mo o vento. (Léon Felipe)*

O que é esse vento de que fala o poeta? Quem é esse vento? O vento é muitas coisas: pode ser furacão que arrasta tudo atrás de si, pode ser brisa que suaviza e tempera os fortes calores do verão, pode ser um pequeno hálito que sai da nossa boca... Pode ser tantas coisas e, por isso, tem tantos nomes. Não se vê mas conhece-se a sua existência que se apalpa. Não se vê mas escuta-se. Um som mais forte no furacão do que na brisa mas um som que acompanha os dois. Na vida espiritual também se contempla como

vento a chegada do Espírito. Escutar o vento do Espírito que tão depressa chega como um furacão que arrasta tudo, que nos faz mudar de vida, de rumo. Mas, muitas vezes a sua chegada vem sob a forma de brisa como aconteceu com o profeta Elias à porta da sua cabana. A vida tem momentos tempestuosos e outros mais tranquilos. Temos de saber encontrar Deus em todos e cada um deles. Cada um tem de se perguntar: Onde está Deus? Onde Te encontrei ultimamente? Que me queres comunicar?

A Deus devemos a vida. Ele é o nosso alento vital. Mas, para além do alento inicial, podemos contar com esse outro alento que nos impulsiona todos os dias a fazer o bem. Um alento que nos deve empurrar a ajudar os irmãos os que convivem connosco e aqueles que, embora mais afastados, reclamam a nossa atenção.

Criaste-nos a todos de barro mas, no mundo em que vivemos, há muitas diferenças. Há um texto de Ezequiel que fala duns ossos que ficaram secos, um vale de ossos calcinados (37,2-3). Calcinámos muitos ossos com as injustiças da vida. Os nossos perderam a frescura dos inícios, dos nossos anseios. Poderão reviver todos esses ossos? Para isso precisam do alento do Espírito mas este, muitas vezes, precisa da ajuda de outros seres humanos. Por isso é bom pedir ao Espírito que comece a soprar em nossas vidas para que nos ponhamos à sua disposição e sirvamos de fole que impulsiona a sua brisa à nossa volta.

“Conjura aos meus ossos secos, como os da visão de Ezequiel, para que o teu hálito lhes devolva a vida”. Era um texto que servia para prometer a vinda do Espírito, para que voltassem à vida. A nossa vida também não está muito pujante; por isso temos de pedir: Senhor, vem e sopra sobre mim. Eu estarei atento ao rumor da brisa que me traz a tua mensagem.

O vento traz-nos os gemidos de muitos irmãos nossos. Juntamente com eles chega-nos o gemido de Deus. Durante séculos o cristianismo preferiu dar primazia à existência de um Deus imutável, incapaz de sofrer com os nossos Jardins das Oliveiras. Era o deus dos filósofos, não o dos místicos. Por que é que preferimos pensar num Deus impassível? Assusta-nos que sofra como nós? Que sofra com a sua criação?

É precisamente porque estamos habituados a vê-lo no poder do furacão, num trono de rei todo-poderoso que nos custa a imagem de Deus que abdicou do seu poder, de um Deus que actua na suavidade da brisa. Um Deus que se comunica a partir do valor do discreto, daquilo que não se vê, um trabalho silencioso mas eficaz que é o que deve potenciar o cristianismo. O cristianismo que tem de actuar a partir do amor que, devagar e sem ruído, a partir de baixo e de cima, conforme nos couber a cada um, tenta mudar o mundo. Devemos dar prioridade ao valor do quotidiano hoje e sempre, o trabalho das pequenas coisas eficaz, porque feito com amor. É semelhante aos petiscos que sabem a carinho e amor para os seus familiares mas que não se vêem a muitos quilómetros da casa. Tem de ser essa a brisa da nossa vida que deixa um rasto de perfume por onde passamos, porque leva as ervas aromáticas que melhoram as condições daqueles que se encontram connosco.

Mas há dias em que tudo se torce e sentimos a ira de um ar de furacão. Queremos partir tudo, atirar com tudo, acabar com tudo. Esses são os dias em que não dá para pensar em todo o sofrimento do mundo nem no sofrimento de um Deus impetuoso face ao horror que passam os seus filhos mais pequenos. O vendaval serve para comparar e compreender que os nossos problemas não são nada se os compararmos com outros. Há tanta dor no mundo! Contudo, parece-nos que Deus não se interessa com o que se passa aqui em baixo, que Jesus dorme na barca e também não sabe o que está a acontecer ao seu redor. Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste? Por que nos abandonas à nossa sorte?

Outras vezes, esse vento de furacão serve para que Deus nos derrube de todas as defesas por detrás das quais nos emparedamos. Tínhamos decidido não agir, tínhamos encontrado mil desculpas para fazer ou não determinadas acções. Não queríamos ver, não queríamos agir e, de repente, damo-nos conta de que Deus estava disposta a demover os nossos débeis alicerces como folhas. Que procurou as formas oportunas para que caíssem as nossas defesas. Queria acabar com o negativismo da nossa vida, com o que estorvava o nosso crescimento na fé para poder construir de novo sobre a rocha firme. Soprou com força mas submetia os nossos pés agarrados aos seus para que desaparecessem as folhas mortas. Pensávamos que era o fim de tudo, não víamos Deus, mas Ele estava aí no meio da tormenta que se tinha desencadeado e submetia os nossos fundamentos à rocha dos seus pés.

Outras vezes ainda, a tormenta passa e és capaz de descobrir o seu rosto na brisa suave. Deixa-o agir, deixa que a brisa suave de Deus refresque a tua alma no verão, deixa que os teus poros se abram à sua influência. Não interponhas desculpas nem entraves. A carícia da brisa marinha é a de Deus que te quer

falar através do seu ar. É a ternura de Deus que acaricia a tua pele. É o sussurro da sua voz, o alento do seu beijo que se te dá.

Que o teu vento, Deus meu, me faça livre, que rompa definitivamente as amarras que me prendem ao meu egoísmo, que possa voar sobre as tuas asas e alcançar alturas que jamais teria sonhado poder alcançar eu sozinho.

*Senhor, faz-me novamente sonhar que sou o vento
O vento trespassado pela Luz
O vento desfeito pela Luz,
O vento fundido pela Luz
O vento...feito Luz
Senhor, faz-me sonhar que sou a Luz,
Que sou Tu mesmo, parte de Ti mesmo.
(Léon Felipe)*

O FOGO

Com o fogo entramos no mundo do superlativo. A oração do fogo é louca, imprevisível, não se pode submeter, sobe e desce. Aviva-se ao menor sopro de ar, mas apaga-se com a mesma facilidade que é o que se passa frequentemente connosco. É uma oração que tem os componentes fundamentais que são o calor e a luz. Dois componentes que todas as religiões viram nos seus deuses. O fogo e o sol estiveram unidos aos deuses em todas as culturas, pois fazem parte intrínseca da vida. Que fariamos nós, os seres humanos, sem luz e calor! Basta ver como os cidadãos dos países do Norte anseiam pelo calor e a luz do Mediterrâneo e descem em tropel para passar as férias nos nossos países.

O fogo serve para falar dos enamorados, mas também dos desesperados pois, da mesma maneira que, muda o ar, muda a sua direcção, assim também com o anímico. Num momento inflama-se de amor e logo a seguir abrasa-se de ódio. Basta ver a quantidade de casamentos que se juraram amor eterno e logo a seguir se odeiam. É uma linguagem na qual temos medo de entrar para falar com Deus, pois os excessos sempre nos parecem perigosos.

No entanto, os versos de “A chama de amor viva” de S. João da Cruz são expoente o primeiro, de se inflamar de amor. *Oh! Chama de amor viva que ternamente feres...cautério suave...toque delicado...chama de fogo.* E não é de estranhar que a nossa vida seja como uma pequena chama que precisa do oxigénio que Deus lhe proporciona para não morrer. *Tu, Yahveh, és a minha lâmpada* (Sl 18,28). Dizia Platão que os seres humanos eram estrelas, partículas do Supremo Bem que desceram ao mundo para se juntar com os corpos mortais. O cristianismo diz isto de outra maneira, mas também pensa que a minha vida, a minha luz, saíram de Deus.

Creio que devemos estar conscientes de que se pode apagar a chama da nossa vida. Mas não apenas isso, pois podemos continuar a viver porque viver não é apenas um problema de quantidade, de anos ou de juventude, mas de qualidade. E a nossa chama cristã pode ser algo mortiço e a ponto de desaparecer ou pode brilhar pujante. Precisamente rezar não procura outra coisa senão revitalizar esse rescaldo mortiço da nossa oração, da nossa relação com Deus.

Não sei se estamos conscientes da diferença que existe entre os verbos que falam de fogo. Por um lado há o verbo queimar que é transitivo. Queimamos coisas para manter a fogueira. Que queimamos para manter acesa a fogueira da nossa vida espiritual? Queimamos o nosso tempo, o nosso pensamento, a nossa acção...Se fazemos tudo isso, o verbo torna-se intransitivo deixa de ser queimar e transforma-se em arder. Somos nós que ardemos. Foi essa a novidade do cristianismo, não eram necessárias vítimas, nem templos, nem sacerdotes...Era cada cristão que se oferecia em oferenda permanente. Dia a dia e gota a gota, tendo como exemplo Cristo, o cristão deve entregar a sua vida em holocausto permanente. Creio que não há nada melhor do que o famoso poema de Quevedo para expressar este facto.

*Alma para quem todo um Deus foi prisão
Veias que humor e tanto fogo deram
Medulas que arderam gloriosamente*

O seu corpo deixará, não sem cuidado,

*Serão cinza, mas fará sentido,
Pó serão, mas pó enamorado.*

Os restos do cristão são a cinza que entregou a vida pelos outros, gota a gota. É o fogo ritual onde o incenso se converte em símbolo da vida pessoal de cada um de nós. Parece uma cinza igual às outras mas só Deus sabe que é diferente. É um pó enamorado que sobe até ao céu.

Deus é calor e luz como o fogo. Calor, porque nos dá respostas quando a nossa alma gela de dor. O cristão sonha com o chegar ao regaço de Deus e sentir o seu calor como aconteceu com Marcelino (Pão e Vinho). Queremos que, no final dos nossos dias haja luz e calor. Calor do lar e da mãe. O regresso ao útero perdido, esse momento sem preocupações que passamos no ventre da mãe e que todo o ser humano sonha recuperar.

Mas Deus também é luz, também ilumina os dias dos nossos momentos em que quase não há luz. A luz da esperança, em que apetece sair para a rua fazer coisas. Pelo contrário, a depressão pinta-se sempre de negro como o luto. Também existe a depressão espiritual quando vemos tudo negro e perdemos a vontade de tudo, incluso da própria vida.

A luz também é sinónimo de iluminação intelectual. Pedimos ao Espírito Santo que nos ilumine nos exames, nas decisões difíceis. Estamos num momento crucial pois a nossa fé enfrenta diversos dilemas. Enfrenta-se com um mundo materialista no qual Deus quase não tem lugar. Enfrenta-se com uma igreja cheia de defeitos, como sempre, só que hoje somos mais críticos. Não vemos claro. Os cristãos apostam em caminhos diferentes para viver a sua fé pois, acabou-se o pensamento monocolor. Como no salmo, Deus tem de vir em nossa ajuda para marcar o caminho. Tem que nos conduzir com o ruído o seu cajado para que não percamos o caminho. Os seus olhos serão então os nossos olhos, a sua luz será a nossa luz. Se nos deixarmos conduzir não andaremos errantes e chegaremos à meta.

É curioso pois em alguns casos o fogo amolece como acontece na forja e noutros endurece como no forno do oleiro. Convém que cada um se analise a si mesmo e pense como reagiria a sua alma perante o fogo. Que somos? Argila ou ferro? De que precisamos: endurecer os nossos propósitos ou abrandar os nossos corações? Penso que a maioria prefere que Deus molde a sua existência com as suas mãos de oleiro. Mãos suaves que pressionam sem causar dano e com cuidado para que não se parta a figura, porque é frágil. Assustam-nos muito mais os golpes do ferreiro que chega com marteladas de imprevisto. É um método enérgico contra um material que não se deixa modelar de outro modo mas... Assustam-nos os golpes do ferreiro? Sentimos muitos na nossa vida?

Permitam-me que termine com uma breve reflexão. Estamos acostumados a pôr velas nas igrejas para pedir por diversas pessoas ou actuações. Queremos que, enquanto a vela dure, Deus tenha as nossas intenções diante dos seus olhos. Depois, logo se esquecem. Quero que as minhas últimas palavras deste fim-de-semana sejam as de uma oração que vi numa igreja de França. Era uma igreja linda de uma povoação medieval muito visitada pelos turistas. Creio que ninguém entrava ali com intenção de rezar, mas havia ali uma oração escrita que toda a gente lia pois estava em letras muito grandes diante do altar. A oração dizia:

“Senhor, que esta vela que acendo seja luz para que tu ilumines as minhas alegrias. Que seja chama para que aqueças o meu coração. Que seja fogo para que queimes no meu interior o egoísmo, o orgulho, a impureza. Deixando queimar este círio, é um pouco de mim mesmo que te quero oferecer. Ajuda-me a prolongar esta oração nas actividades da minha vida.”

Gostaria que todos fossemos capazes de rezar, de verdade, esta oração. De deixar que a nossa vida seja como a pequena lâmpada que acendemos diante das imagens das nossas igrejas. Não seria mal.

3ª Conferência: A *LECTIO DIVINA**

Aceita o meu convite e vem, de vez em quando, a um lugar solitário, onde descansemos um pouco, diz-nos Jesus. Ele quer dialogar contigo, fazer-te feliz, conduzir-te pelo caminho certo. Entra, irmão! Estava à tua espera! *“Conheço as tuas obras, as tuas fadigas, a tua constância...No entanto, tenho uma coisa contra ti: abandonaste o teu primitivo amor”* (Ap 2,2-4)

Qual será o lugar mais adequado para me encontrar com Jesus e discernir a direcção que Ele deseja que dê à tua vida? Sabemos, sem sombra de dúvida que Deus Pai e seu filho Jesus Cristo se revelam de muitos modos: na criação, na natureza, nos animais, nos outros seres humanos... e na Sagrada Escritura. Um livro excepcional que nos fala dos desígnios de salvação de Deus para com os homens, do seu profundo amor para com tudo o que criou. Um livro a que nos habituámos, que julgamos conhecer e que deixamos de lado, trocando-o por manuais de oração.

Segundo a tradição, foram os monges contemplativos os primeiros a meterem-se, Bíblia adentro, para escutar a palavra de Deus e, no diálogo entre Criador e criatura, discernirem o caminho pelo qual Deus quer que sigamos. É um caminho que não teremos tempo de seguir todos os dias mas que ganharíamos muito se o trilhássemos, ao menos, de vez em quando. Cada um saberá de si.

A *lectio* como leitura-escuta orante da palavra de Deus

É um exercício que se desenvolve, segundo um método. Exige esforço, escuta, atenção. Pode ser feito individualmente ou em grupo. A começar, o orante diz: *“Faça-se em mim segundo a tua palavra”* – a palavra da Escritura. Em primeiro lugar tenho que a escutar, em seguida que a meditar, depois comprometer-me a segui-la, a guardá-la, a fazê-la vida.

Sair ao encontro de Deus.

Supõe uma ajuda do Espírito. Durante algum tempo, a atenção à nossa vida deixa de ser a primeira prioridade. Deixemo-la, sossegadinha, ali ao lado, como se nos não pertencesse. A prioridade vai para o encontro pessoal com Deus; a seguir ao encontro, retomá-la-emos de novo. Subimos ao Tabor! Baixamos à profundidade da terra! O lugar de encontro preferido, para uns é um lugar no masculino, para outros, no feminino. Lenta subida ou suave descida. Deus impele-nos para a vida, a vida impele-nos para Deus. A nossa disposição profunda é a conversão contínua. A afirmar e a reafirmar o meu desejo de seguimento de Cristo que me impele a ir mudando, face às circunstâncias concretas da minha vida .

O corpo.

Eis uma realidade a que os homens dão pouco peso. Eles esquecem-se que, quando se reza, é com o corpo se reza; que ele está lá. Por isso, peço desculpa, mas vou conceder a este tema um certo espaço. O ser humano é um corpo, vive dentro de um corpo que reza; assim para rezar uma pessoa tem de estar a bem com o seu corpo.

Traçar um plano.

Há que clarificar o percurso que quero fazer. E preparar-me para que o possa percorrer. Outros, antes de mim, já o fizeram. Um percurso dinâmico que me exige “subir” e “descer”. Sem entrar na obsessão de cumprir o plano previamente estabelecido. Como nas receitas de cozinha. A princípio seguimo-las escrupulosamente; com o tempo, saem-nos de um modo espontâneo, introduzindo o nosso toque pessoal, quase sem darmos por isso. O esquema típico conheci-lo melhor que eu: **preparação** (estou à espera, à escuta – Palavra esperada); **leitura** (leio o texto da Sagrada Escritura com atenção. A Palavra que leio vem ao encontro do meu desejo e da minha espera. De Palavra esperada, torna-se, quando a leio, em Palavra escutada; **medito** na

* Tradução de Judite Grilo

leitura que fiz (Que significado tem? O que diz? O que me diz a mim? É a Palavra entendida); **oração** (respondo com a minha palavra à Palavra); **contemplação** (Ao descobrir Deus, prostro-me adorando - O. É a Palavra assumida); **discernimento** (Escuto a palavra, analiso-a. Senhor, que queres que eu faça?). O encontro com Deus culmina na **acção**, envia-nos para o mundo.

Um escrito judeu disse que uma especificidade da palavra da Tora é revelar-se só àqueles que a amam. Só depois de nos termos familiarizado com ela é que revela a sua face e fala das verdades escondidas e dos caminhos que há a percorrer. O sinal que a princípio tínhamos apenas intuído revela-se, depois, com uma luz maior.

A preparação

Façamos uma paragem na nossa vida. Um *stop* na nossa apressada viagem. Sinónimos de parar: ler, pensar, contemplar, olhar, escutar, entrar em diálogo. Como sei se estou a fazer uma paragem ou não? O corpo e o espírito têm de estar aquietados. Escolher uma posição que seja adequada à finalidade que visio – abrir-me a Deus. “Uma postura com compostura”. Procurar, além da posição, o lugar que mais me ajuda a rezar. Pedir ajuda ao Espírito. Pegar no livro em atitude interior e exterior de ternura – tomá-lo em nossas mãos com afecto, junto ao coração. Aqui estou, inteira, com a minha corporeidade e a minha interioridade.

“O Senhor disse a Moisés: prepara-te para subires, amanhã cedo, ao monte Sinai. Apresentar-te-às diante de mim no cimo do monte” E Moisés respondeu: “Aqui estou. Fala, Senhor! O teu servo escuta.”

Sei o que quero. Que tenho de fazer? Deixemos de lado as preocupações que nos perturbam o coração. Nem sempre o conseguimos; então, é bom escolher um texto que, de certo modo, exprima tristeza, angústia, que esteja em sintonia com os nossos sentimentos. Peçamos a Deus luz e força.. Luz da inteligência para encontrar o caminho que Deus acha bom para mim, para entrar em sintonia, para encontrar o meu comprimento de onda. Fazer silêncio interior e exterior. Que em “nossa casa” tudo esteja em sossego, como diria S. João da Cruz. “*A noite que dá paz, a música que faz silêncio, a solidão que faz companhia, a ceia que sacia*”. A ceia não faltará: “*Se alguém ouve a minha voz e me abrir a porta, entrarei em sua casa e cearemos juntos.*”(Ap 3,20)

Quando entrar em silêncio? Com que periodicidade? Há que encontrar a ocasião que me é propícia. Todos os dias? Uma vez por semana? Depende de cada um, das ocupações que tem. Pode ser de manhã: “*Cada manhã desperta os meus ouvidos, para que eu aprenda*” (Is 50,4); “*De madrugada, ainda escuro, levantou-se e saiu; foi para um lugar solitário e ali se pôs em oração*” (Mc1,35). Pode ser, também, pela noite.

A leitura

Pegamos no Livro, numa atitude de amor. Começamos a fazer uma leitura serena, sem pressa, com o desejo de apreender o sentido. É uma ascese, pois sempre temos pressa de chegar à contemplação, de sentir a consolação de Deus, com Deus. Lentamente, com vagar, pensando que “Muitas vezes e de muitos modos falou Deus no passado... “(Heb1,1) e que agora está a falar comigo. “A Deus escutamos quando lemos a sua Palavra” diz Santo Ambrósio. Devemos ver os textos paralelos. Parar a cada passo. Sublinhar. Repetir. Como se estivéssemos, de novo, na escola a fazer uma análise sintáctica do texto. Dar atenção ao sujeito, aos complementos, aos verbos. Reparar nas palavras que estão repetidas. Reparar no elemento que é apresentado como de maior importância. Quando se faz a análise de um texto narrativo, identificam-se a personagem principal, o narrador, o destinatário. Deus estava com Samuel e “cumpria à letra todas as palavras que tinha dito”(I Sam 3,19).

Tentemos situar o autor no tempo e no lugar em que viveu, nas circunstâncias concretas da sua vida. Conhecer um pouco os géneros literários; saber se se trata de uma crónica de um reinado, de uma alegoria, de um poema... Tentar captar o sentido literal e o espiritual.

Tira-se proveito em o escrever, tomando em consideração os paralelos. Fazer a leitura em voz alta.

Se não temos tempo para fazer uma análise gramatical, sintáctica, literária, façamos, ao menos, perguntas-chave do tipo: Que diz o texto? Quem são os protagonistas? Qual o encadeado dos factos? Quem fala? Qual é o acontecimento mais significativo?

A meditação

Fala, Senhor; eu te escuto.

Como diz Santa Teresa: “*Chamo eu meditação a discorrer muito com o entendimento*”. Quer dizer: essa palavra que analisei com cuidado, o que me diz, hoje, a mim? Há uma série de símbolos que me podem ajudar. Fala-se de água: então deixemos que ela penetre na Palavra, para que a Palavra penetre em nós. Fala-se de fermento: pois que o pão de cada dia seja amassado com a Palavra. Fala-se de espelho: pois que a Palavra seja a referência, a partir da qual nos aprendamos a conhecer. Fala-se de espada: se o que vês e o que ouves te magoa, pois bem, eis um bom sinal.

Fixemos esta ideia: há um ponto central, que é preciso descobrir. Quando se faz uma análise de texto, encontramos a oração principal e as orações subordinadas. Vamos estabelecer a relação com a mensagem da salvação. Que têm a ver o que li com a mensagem de Jesus? Nesta fase estamos a fazer aquilo a que os autores espirituais chamam trabalho de formiga. Seleccionemos esses elementos; a seguir poderemos extrair deles o mel que guardam. De momento, apenas nos é pedido que os guardemos. Chegará então o momento de nos fecharmos na colmeia e de nos transformar em abelhas.

Não vale a pena dizê-lo, é de si evidente: o centro da meditação tem de ter Cristo como seu eixo e motor. Cada palavra tem de deixar em nós um reflexo da bondade de Deus. Não sei quem disse que o texto é como um búzio que, ao ser colocado junto ao ouvido, deixa ouvir a música do amor imenso de Deus. Uma palavra que consola, corrige, guia, questiona, que nos enche de assombro ao transformar-se de palavra de Deus em palavra humana. É a carta da mãe, do amigo, de alguém a quem estimamos muito.

Há três momentos na meditação:

- Que palavras chamaram mais a minha atenção? Que eco tiveram em mim?
- Quando medito nelas, o que sinto?
- Face à minha vida concreta, de que modo me interpelam?

Por vezes trazem-me à lembrança episódios da minha vida passada; é bom parar, estabelecer comparações. Quando a nossa memória se detém é o momento de recolher o fruto. Estamos a ruminar a palavra, estamos a tomar-lhe o gosto, a saboreá-la. Estamos a envolvê-la em água e em calor para que possa dar fruto e para que esse fruto se manifeste.

A oração

Senhor! Escuta; estou a falar contigo!

A oração, em sentido estrito, começa neste momento, o que não significa que até agora, se não tenha estado a rezar. Neste momento, produz-se um efeito de retorno. As palavras de Deus iluminam as nossas e fazem nascer uma cascata de reacções: de perdão, de súplica, de louvor... Deus fala e eu escuto, interrogo-me, vejo, compreendo ou coloco-me em situação de compreender, sinto, quero, falo, expresse-me... Deus ensina-me a ler a minha história, uma vez que o conteúdo da oração ou é vida, ou então não estou a rezar.

Para o conseguir temos de meter a palavra da Eucaristia na nossa vida. O que se passa na Eucaristia diz-nos respeito; são palavras actuais que se reportam a situações actuais. Daremos expressão à nossa dor, gemendo face à debilidade da nossa condição de criaturas. Os monges chamavam a esta modalidade de oração, oração de compunção, a oração do coração ferido que traz o sentimento da nossa pequenez, como aconteceu a Isaías. A sensação de não valer nada.

O passo seguinte é a oração de petição. Vemo-nos tão necessitados, tão pequenos, temos tantas aspirações ainda não realizadas! É importante pedir, porque todo o que pede recebe. Fazemos o nosso exame de consciência sobretudo para reparar que temos sido guiados por Deus, que a nossa história pessoal é uma história de salvação que inclui muitas infidelidades das quais há

também que dar graças e olhar para o frente, uma vez que o passado está nas mãos de Deus, nas suas mãos de misericórdia. Amarás – foi dito ao jovem.

Entramos agora numa fase em que damos largas aos sentimentos de gratidão, de louvor a Deus. Há que ensinar aos outros e que desenvolver em nós o sentido do belo, da alegria, da admiração. Porquê ter sempre presente o lado negativo das coisas? Estas fases a que fizemos referência não estão sempre presentes na oração, nem ocorrem na ordem em que foram indicadas. Não tem grande importância; temos de nos aceitar como somos, uma coisa sem valor ao lado de S. João da Cruz, mas tão amados por Deus como ele e com o nosso caminho não andado por andar.”*Não corro atrás de grandezas, nem de coisas superiores a mim*” (Sl 131,1).

A contemplação

Para Ti dirijo os meus olhos!

É o ponto-cume da oração. É o céu? É um lugar secreto, transbordante de mistério? Tem o sabor de uma experiência que não pode ser transmitida. Ficamos como cegos; caímos de joelhos. A palavra, a tomá-la no seu étimo, diz: com – templatio, o lugar onde habita Deus, o viver com Deus. Diz-se de uma pessoa que “toca” (que conhece por experiência) o espaço sagrado. Toca o mistério de Deus e transborda de alegria. Guido, monge cartuxo, diz: Pedi rezando e ser-vos-à oferecida a contemplação. É como se os sentidos tivessem deixado de funcionar. Abandonamos a atitude discursiva para entrar em quietude. A palavra de Deus penetra em nós suavemente. É o momento em que damos espaço consistente, “corpóreo” ao Espírito Santo. É a síntese da palavra e do Espírito. Não vos peço se não que olheis – dizia Santa Teresa. O Padre Kolvenbach disse que rezava com ícones; deixava que eles o olhassem a ele. O ícone, como a palavra da Escritura, está carregado de presença. A contemplação é um jogo em que, ao mesmo tempo, se olha e se sabe olhado.

A contemplação tem um risco – o fechamento em nós mesmos. Vemo-nos imersos no seio materno, onde tudo nos é dado em total gratuidade. Não podemos, contudo, afastar-nos do que se passa lá fora. É preciso fugir à tentação de viver num “horto cerrado”.

A contemplação gera uma atitude de optimismo, traz uma mensagem de alegria. O contemplativo não desespera nunca porque sabe que, mesmo nos acontecimentos mais dramáticos, Deus está presente, ainda que oculto. Sabe que Deus não permite que seja o mal a ter a última palavra.

O discernimento

| Senhor: Que queres que eu faça?

Onde nos leva todo este caminho que temos estado a percorrer? A tomar opções concretas para descobrir a vontade de Deus sobre a vida – a minha vida, nesta fase em que me encontro. Esta procura tem o nome de discernimento pessoal. Deus fala-me aqui e agora. De notar que o contacto com a palavra de Deus me dá não só a luz, mas também a força. “*Não vos acomodeis com o mundo presente. Pelo contrário, deixai-vos transformar, adquirindo uma nova mentalidade para poderdes discernir qual é a vontade de Deus: o que é bom e lhe é agradável e perfeito.*” (Rm 12,2).

Esta busca vai-se fazendo ao longo de todo o processo da lectio. Não é adequado autonomizá-la, em relação a uma etapa, antes deixar que nos acompanhe ao longo de todo o caminho. O que é que Deus quer, o que espera de mim, agora? Temos de ir aprendendo a fazer o confronto entre os sinais de Deus, os sinais dos tempos e a minha vida pessoal.

Caríssimos, não deis fé a qualquer espírito, mas examinai se os espíritos são de Deus” (1 Jo 4,1)

Collatio ou partilha

Quando a *Lectio* se faz em grupo partilha-se a palavra e a ressonância que teve em nós. Não se faz apenas a homília participada, mas também os gestos, as aclamações, os cânticos são participados. Há que dedicar um espaço de tempo para a oração individual e a seguir o grupo

reúne-se para pôr em comum o que cada um recebeu e tem para dar. O que se põe em comum é sobretudo a luz que cada um recebeu, mais do que a análise a que se procedeu. Umas vezes uns participarão mais; outras vezes darão lugar a outros. Não é possível escutar a voz de Deus, se não ouvirmos também o que Deus diz aos outros. O pão que se partilha tem muito a ver com a palavra partilhada; é desse pôr em comum que surge a partilha do pão com os outros.

A resposta

Faça-se em mim segundo a Tua palavra.

Passa-se agora do monte Tabor para o vale da vida. Há pessoas que têm dificuldade em “descer”; não devia ser assim. A palavra de Deus deve ir-nos ajudando a fazer o confronto com Jesus pois ele habita em nós e dá-nos capacidade para sermos nós próprios palavra – sinal – expressão do amor e da comunicação de Deus, como Cristo fez. Se não entrarmos por veredas erradas ele dar-nos-à um grande desejo de estar com os irmãos. A resposta é: acção, compromisso, testemunho. *“Ouvindo estas palavras, ficaram emocionados até ao fundo do coração e perguntavam...Que havemos de fazer?...”* (Act 2,37).

A palavra não se limitou a dar-nos luz: acendeu em nós o fogo do amor, que não pode deixar de ter uma resposta – na vida. A palavra e a oração têm que traduzir-se em obras.. Aqui reside a grande diferença em relação às religiões orientais que põem a ênfase no caminho para a interioridade, ao passo que o cristianismo nos situa, em cheio, em comunicação com os outros. A leitura espiritual sem compromisso torna-se pietista e alienante. O cume da contemplação é a evangelização. A capacidade de dar aos outros, gratuitamente, o tesouro que gratuitamente nos foi dado a nós. A água que nos permitiu que déssemos fruto, reparte-se gratuitamente aos outros, porque a água não se vende.

A meta da palavra de Deus tem só um nome – evangelização.

4ª Conferência: A ORAÇÃO COMO OFERTA PERMANENTE*

Os obstáculos

No nosso mundo a oração é encarada com desconfiança. *Mala praxis* dos antigos orantes: individualistas, centrados em si mesmos, sem atenção aos problemas do mundo, sempre dispostos a julgar os outros, seguros de si próprios.... Olhando com altivez os que estão envolvidos no alvoroço da luta. Mas não nos podemos esquecer de que, ao lado destes homens, também conhecemos muitos outros que, graças à sua oração, são pessoas comprometidas, compreensivas, livres e audazes.

Hoje dá-se mais importância à acção caritativa: encontra-se Deus nos outros, a oração do cristão não é mais do que esta entrega aos outros, nos quais encontra Deus. Além disso, para quê dispor de um tempo de oração diária se já temos a liturgia da missa. Até cortámos com uma série de símbolos e actos piedosos que tinham grande significado para os nossos antepassados, como as novenas e as bênçãos do Santíssimo que o nosso mundo recusa. E não encontramos substitutos significativos.

Há uma tensão evidente porque, por outro lado, o mundo actual tem sede de espiritualidade. Temos de conseguir fazer uma simbiose das duas atitudes. Não culpemos a oração pelo egoísmo dos orantes porque essa é a causa do seu comportamento erróneo e não outra. O problema não está na necessidade de orar para manter a fé mas em que, pelo contrário, não há fé sem oração, O ritmo frenético da nossa vida permite rezar? Ao longo da Idade Média ao meio-dia tocava o *Angelus* e a Europa inteira parava elevando a Deus a sua voz. Hoje parece-nos impossível porque estamos a falar ao telefone com alguém, há um avião que se prepara para aterrar, é preciso dar de comer a uma criança, estamos a apanhar um comboio.... mas apenas porque pensamos numa espiritualidade de recolhimento, de meditação, de afastamento, que não é o único tipo de oração possível. Na verdade, muito provavelmente muitos de nós teremos de optar por uma oração com menos isolamento e mais implantada na vida e deixar a outra para vocações monásticas. Como foram os monges que nos ensinaram a rezar parece-nos que essa oração é a única, o que não é de modo algum verdade.

No nosso tempo temos pessoas que, como o Padre Foucauld, apelam ao deserto, à transcendência. Há, no entanto, outras como Teilhard de Chardin que prefere uma oração da encarnação, da presença e da imanência, que vê Deus em todos os cantos do mundo sem ter de se isolar. O Homem do nosso tempo inclina-se mais para esta fórmula. No Evangelho encontramos textos para as duas tendências. Por um lado os radicais, que falam da necessidade de renegar a própria família e até a própria vida para seguir Cristo (Lc 14,26), paralelamente com todas as narrações que nos apresentam um Jesus imerso no mundo do sofrimento e partilhando a sua vida com os seres humanos. Um Jesus que não era apenas o melhor humanista mas, além disso, acrescentava-lhe o que mais nenhum outro humanista ensinou que é saber oferecer a outra face ao que te bate sem razão. Assim, o Cristianismo dá mais esse passo, que não podemos dar se não estivermos enraizados em Deus, num Deus que se enxerta no humano para o valorizar.

* Tradução de Luisa Oliveira Martins

Não existe, portanto, alternativa. Numa vida de fé autêntica temos de encontrar tempo para Deus e para os Homens. Estes levar-nos-ão a Deus e Deus impulsionar-nos-á para os irmãos. Não existem dois caminhos distintos mas apenas o mesmo, em que cada um reforçará mais o lado para o qual se sente chamado. O contemplativo à contemplação e o activo à acção, mas sem abandonar a outra ponta. Podemos ter a certeza de que existe verdadeira oração cristã quando os afazeres quotidianos conduzem à oração e esta à ocupação quotidiana. O contrário pode ser contemplação de outro tipo, como a budista. Muito válida mas não é a nossa, que deve empurrar-nos para o mundo.

As dificuldades

É inútil rezar? Numa civilização como a nossa, que olha tudo em termos materiais, a oração não produz muitos benefícios visíveis. É um tempo perdido. Mas há quem diga que na vida o mais importante é o inútil. As horas que passo nos braços do meu amante, os beijos que damos aos filhos, os abraços aos amigos, a música que ouvimos.... A oração insere-se nesta dinâmica, na fuga da escravidão do urgente e no mergulho na esfera do importante. Aquela Maria que ungiu os pés de Jesus com perfume e os secou com o seu cabelo foi criticada por fazer gestos inúteis. Sobre nós pesa igualmente o absurdo da gratuidade.

Romano Guardini disse o seguinte sobre a oração dos seres humanos: “O Homem, em geral, não reza de bom grado e experimenta facilmente tédio na oração, constrangimento, repugnância e até animosidade. Qualquer ocupação lhe parece mais interessante e importante e diz para si próprio: «Não tenho agora tempo para rezar» ou «agora é mais urgente fazer aquilo». E geralmente o tempo não empregue na oração é desperdiçado nas coisas mais supérfluas.” E não foi sempre assim, já que tivemos umas primeiras experiências gozosas, experiências de enorme plenitude, em que Deus nos satisfazia inteiramente. Os peritos afirmam que actualmente esse primeiro tempo de gozo dura menos do que antes.

A esse gozo segue-se um vasto período em que o recurso a Deus e à oração perde sentido. Não se avança, todo o esforço é inútil, as coisas não melhoram nem melhorarão por as levarmos perante Deus. Sente-se a secura, o vazio, o tédio, o aborrecimento, a preguiça... ou como se queira chamar a esse processo que os grandes místicos denominam a noite da fé. Tem de nos tocar esse momento em que é Deus quem reza em nós e ao Homem cabe deixar-se levar. A nossa civilização também não nos preparou para isto, uma civilização de actividade muito intensa, que foge dos silêncios.

*“Diz-me que não sonho. Que é a tua mão
a que tremendo aperto
entre as minhas
quando a noite nas minhas pupilas cresce” (M. Elvira Lacaci)*

Apesar de todas as dificuldades, e sem as ignorar, o Homem decide dar o passo. Nós somos esse Homem e damos o passo, conscientes das nossas limitações e de que as nossas forças são insuficientes. “*Amigo vem mais para cima*” (Lc 14,10) deve ser na tua vida um convite constante para assumir tarefas junto de Jesus. “*Tu que preparaste o caminho que leva a ver o teu rosto concede-me a graça de contemplar a tua luz. Tu que me fizeste conhecer a vinha nova faz-me participar no gozo da vindima*”, Anónimo do século XI.

Motivações

Decidimos rezar e assalta-nos uma nova dúvida. Quais são as nossas motivações? A filosofia moderna riu-se do Homem religioso, que considerou infantil. As nossas ideias não passam de fantasias infantis e de estruturas neuróticas. Nós cristãos construímos um Deus ilusório porque não sabíamos dar uma resposta convincente às catástrofes, à dor, à doença, às relações com os companheiros da nossa vida que nos magoam porque são injustos connosco, porque mentem, porque são desonestos e somos nós quem paga pelos seus pecados. Todo este mundo injusto e

cruel nos faz sentir sós e indefesos e acabamos por nos sentir angustiados. Os nossos paraísos infantis foram sendo eliminados um após outro e rapidamente nos apercebemos de que não somos eternos e de que a morte está mais próxima do que julgávamos.

Deus surge como um novo Pai que acolhe os desamparados, o que reaviva a ilusão infantil. Com esse Deus torna-se possível um mundo ao contrário, já que perante a dor nos fala de alegria e perante a morte temos promessas de vida eterna. Freud crê que é este Deus imaginado quem impede os seres humanos de alcançar a idade adulta, pois a nossa existência na sua presença não é mais do que uma vida de submissão e dependência. Ama-se a Deus porque não temos outro remédio.

Este desfecho não é certo, ainda que tenhamos sido influenciados por imagens que o podem ter facilitado. Ao longo de toda a História da Humanidade houve pessoas que apelaram a Deus, levadas pelo desejo da Sua pessoa, pela sede de Deus. Pessoas conscientes de que somos finitas e de que os nossos desejos não são completamente puros. Nós queremos ser um destes, queremos ouvir a voz de Deus nos nossos corações, descobrir o rasto da voz de Deus através das barreiras dos nossos desejos conscientes de que é através dessa voz que nos chega a felicidade e a plenitude.

Costumo dizer que o filme “Marcelino pão e vinho” me impressionou muito porque as cenas que se desenrolavam entre o Jesus crucificado e o menino eram um reflexo da vida do orante. O assombro e o fascínio iniciais, eivados do medo de se entregar ao desconhecido, um medo que se vai perdendo a pouco e pouco. As dificuldades vão-se solucionando e o menino vai-se aproximando. O ponto final é quando Jesus sai da cruz e senta o menino ao colo, onde ele morre. Jesus apresenta-se como esse regresso à mãe, esse regresso ao útero com que sonha todo o ser humano. O caminho da oração é também assim. A atracção centrípeta de Cristo que, curiosamente, nos empurra, uma e outra vez, para um movimento centrífugo para os outros, até chegar a última vez e então o descanso será eterno nos seus braços.

*“A esposa entrou
no pequeno horto apetecido
e repousa serenamente
o pescoço reclinado
nos doce braços do Amado”* (São João da Cruz)

Tem este prólogo a intenção de nos introduzir numa forma de orar que pode facilitar o nosso caminho por ser mais apropriada aos sinais dos tempos. Todas as religiões nos apresentam nos seus livros de espiritualidade uma gama muito variada de atitudes e de formas de oração. Temos a oração particular de cada pessoa e a oração de um grupo mediante determinadas formas de liturgia. Entrando no conteúdo concreto, a oração responde às circunstâncias do orante, segundo este esteja em momentos de alegria ou de perseguição. Todos levamos a nossa vida perante Deus e do momento próprio dependerá a forma de nos expressarmos. Há quem reze a Deus, outros à pessoa de Jesus Cristo, ao Espírito Santo, à Virgem Maria... é algo muito pessoal no entanto estas fórmulas são válidas para todos.

A oferta permanente

Uma das grandes novidades introduzidas por Jesus Cristo no mundo judeu foi que não faziam falta nem templos nem sacerdotes. O cristão convertia-se no seu próprio sacerdote, povo sacerdotal dizemos nós, e o templo é o nosso corpo. Tudo no seguimento de Jesus que ofereceu a sua vida. Por isso, ensinaram-nos a todos nós que, logo de manhã, o cristão pode oferecer todo o dia a Deus. Desta forma não era necessário ter consciência constante já que a oferta inicial abarcava toda o dia. O exemplo por antonomásia vinha-nos do Rei David que, já naquele tempo, colocava todos os seus bens aos pés do Senhor para construir o seu templo. *“No meu amor pela casa do meu Deus, dou à casa do meu Deus o ouro e prata que possuo além de tudo o que tenho preparado.... Eu, com rectidão de coração ofereci-te espontaneamente tudo isto”*. (1 Cr 29).

Nós oferecemos a nossa vida, que é o melhor ouro e a melhor prata que possuímos, “desde o nascimento do Sol até ao ocaso”. Oferecer-se sinceramente é um fantástico acto de abertura total à transcendência. Não existem reservas nem mesquinhas precisões que fraccionam. É uma oferta que, à semelhança da de David, parte de um coração recto e sincero. Consagra-se a Deus o dia inteiro com todas as suas particularidades, que até se podem reexaminar se soubermos que tipo de dia nos aguarda. O meu tempo, o meu trabalho, as minhas esperanças, as minhas ilusões... especialmente aquelas circunstâncias que antecipamos virem a ser duras: exames, entrevistas profissionais, exames médicos, encontros desagradáveis... As distrações, os equívocos, metem-se no mesmo saco. Já sabemos que não somos perfeitos.

O nosso corpo também faz parte dessa oferta. Um corpo que cultivamos muitas vezes profanamente mas que nos esquecemos de incluir na oração. Ponho o meu corpo ao teu serviço para que ajude, para que cresça, para que te fale e te cante. Todos os estímulos que vai receber durante o dia através da luz, do som, do calor... que podem fazer vibrar a nossa sensibilidade. Assim lançamos sempre esses estímulos para Deus, que se transforma na meta da nossa emotividade. Até os sentimentos negativos podem entrar neste jogo: pois é, meu Deus, gostaria de matá-lo.

Oferecer juntamente com o corpo a mente, que é a grande guia da nossa vida, do tumulto das nossas sensações. Oferecemos-lhe a faculdade mais importante que temos, a que nos distingue dos animais e nos permite afastarmo-nos um pouco do mundo dos instintos. Oferecida a mente julgamos ser capazes de compreender a profunda beleza de muitas mensagens que, se estivéssemos apenas centrados em nós mesmos, nem teríamos dado por elas.

No final do dia repetimos a experiência e oferecemos a Deus o nosso sono, tão importante para o nosso crescimento corporal e espiritual. O descanso do corpo e da mente para acordarmos sadios na manhã seguinte. Oferecer o sono é um símbolo da oferta de toda a nossa existência. O último pensamento do dia permite percorrer num instante o que se passou durante o dia. Colocamos nas mãos de Deus o nosso derradeiro acto consciente. Tudo o que foi bom e mau fica nas suas mãos e podemos dormir tranquilos.

Não vamos consegui-lo no primeiro dia em que decidirmos fazê-lo porque, se não estamos habituados, vamos esquecer-nos. Temos de transformá-lo a pouco e pouco num hábito. É como a ginástica. Há um efeito que se sente de imediato e é a alegria interior daquele que colocou a sua vida nas mãos de Deus. O texto de David prossegue: *“E o povo alegrou-se com estas ofertas voluntárias porque as tinham oferecido de todo o coração e voluntariamente a Javé. Também o Rei David sentiu grande alegria”*.

Deve-se fazê-lo de forma explícita: ofereço-te, Senhor, as minhas mãos e tudo o que vão fazer durante o dia, os meus lábios e tudo o que vão pronunciar, o meu coração e todos os sentimentos que vai albergar, o meu tempo e a maneira como vou empregá-lo, o meu trabalho e todos os temas que vou tocar, a minha vida familiar e todas as sensações que me vai fazer sentir.

A oração repetitiva

O mundo oriental está muito na moda e tem formas de espiritualidade que podem enriquecer as nossas. O mantra é uma delas. Uma breve fórmula ou repetição verbal que tem o poder de levar à união com Deus. Os orientais comparam-na a uma semente de manga que possui em si própria um enorme poder germinativo mas que só através do tempo e do amanhã se pode transformar naquela enorme árvore cujos frutos são tão conhecidos nalguns países. O paralelo evangélico seria o grão de mostarda. O mantra pode transformar-se numa imensa árvore capaz de abrigar mil pássaros mas, no seu estado primitivo, é como um grão de mostarda minúsculo.

Já Santo Agostinho fala desta forma de rezar. Denomina-a uma novidade usada pelos monges do Egipto que repetem brevíssimas orações “num abrir e fechar de olhos”. Diz ele que os monges lançam para o alto estas orações. A palavra Jaculatória vem daí = lançar, atirar com ímpeto. São Francisco considerava este modo repetitivo de rezar melhor que a leitura de muitos tratados espirituais. De tanto repetir uma coisa na boca esta acaba por chegar ao coração. O Ioga Sutra de Patanjali diz-nos que esta oração consiste na repetição de um mantra, na compreensão do seu significado e na transformação desse significado. Ou seja, esta oração repetitiva ou

mantra tem a possibilidade de abrir o coração a uma nova dimensão. Se a semente chegar a dar fruto o orante encontrar-se-á, quase sem saber como, a fazer uma oração contemplativa.

Para um oriental hinduísta a Criação não é mais do que uma gigantesca sinfonia composta por Deus. O Iogui comprova que os murmúrios do Som Interior se assemelham às ondas do oceano, à chuva, aos ribeiros, aos ecos dos sinos... Chegará o momento em que estará surdo ao som exterior e alcançará o estado de inefável equilíbrio. O mantra mais sagrado é a sílaba OM, palavra sagrada que contém em si todos os sons que falam de Deus.

O nome de Jesus utiliza-se como oração repetitiva e alguns Padres recomendavam que o cristão adormecesse com estas palavras na boca. Os Santos consideram que se acaba por repeti-las também durante o sono. Abordei este tema porque este método de oração se tornou popular devido ao poder actual de tudo o que provém do Oriente. Especialmente entre os jovens como vós. Os Hare Krisna, um movimento religioso com origem no século XV, é composto na sua maioria por jovens que têm de repetir o mantra de Krisna pelos menos umas 2.754 vezes por dia. Os devotos de Amitabha Buda entre 50.000 e 500.000 vezes o nome de Buda. Dizem um mantra que significa Salve, Amita Buda.

Quem está interessado neste tipo de oração pode ler “A oração do peregrino russo”. O método que recomenda é pronunciar muitas vezes o nome de Jesus numa frase curta. A mais vulgar é “Jesus, meu Senhor, tem piedade de mim” ou simplesmente “Jesus”. Aconselha-se a fazê-lo diariamente durante cerca de 20 minutos. Deve fazer-se de modo consciente e sentido, que a pouco e pouco se vai alargando a todos os momentos da vida começando pelos mais mecânicos, dado requererem menos actividade mental. Chega-se a um determinado momento em que o nome de Jesus já não se pronuncia mas escuta-se, invadiu-nos o ser e ouve-se no nosso interior. Teremos assim conseguido integrar oração e vida.

Actualmente não existem muitos mestres espirituais capazes de nos iniciar neste método. Mas é muito útil naqueles momentos em que não somos capazes de rezar porque estamos distraídos e com o pensamento noutro lado. Pronunciar o nome de Jesus e consciencializarmo-nos da sua presença é um excelente caminho para estes momentos de vazio religioso.

Hoje as orações de Taizé seguem uma forma repetitiva como a dos mantras e creio que é um dos mais completos ensaios de oração moderna. Toda a gente pode cantá-las na sua própria língua, dado que o importante é o ritmo e as palavras que cada um escuta. As pessoas que os escutam e não participam ficam cativadas e imóveis perante os mantras de Taizé.

Confitemini Domino, quo niam bonus. Confitemini Domino alleluia. Dai graças ao Senhor porque Ele é bom.

Há muitas outras que não sei entoar. *Veni Sancte Spiritus.*

Os mantras não utilizam apenas o nome de Jesus mas também o de Deus. Podeis chamar-lhe Amor, Água, Luz, Vida. É preciso encontrar Deus em todas as coisas e não é difícil se nos empenharmos. Não faz falta o deserto já que existe a cidade. Pai, quando eu era cego não encontrava uma única porta que me conduzisse a ti. Agora curaste os meus olhos e descobri portas em toda a parte. Cada impulso da minha oração abre-me uma nova porta de acesso ao imenso templo da tua presença.

O riquíssimo tecido da Vida e os seus acontecimentos pode ser lido sob diversos prismas. À luz do trabalho de Deus na Criação, à luz da própria vida e das graças de Deus, à luz da presença divina no Cosmos.... Na História houve sempre pessoas capazes e imaginativas, que conseguiam ler toda a vida sob uma perspectiva espiritual. Teilhard de Chardin é um caso muito especial deste tipo de pessoas. Cada um de nós terá de encontrar o seu tipo de leitura. Que me está a dizer agora? Que significam os meus sentimentos? As palavras desta pessoa? Que quer Deus que eu compreenda?

Oração de súplica

É a mais frequente a todos os níveis. O ser humano só se lembra de Santa Bárbara quando tropeja. Questiono-me é se pensaríamos em Deus em algum momento se não existisse sofrimento no mundo. Não sei que responder. De facto, há vários textos do AT que nos dizem: Senhor, dá-me o pão de cada dia pois tenho medo de me saciar e de te esquecer.

Há vários textos do NT em que Jesus nos diz para pedirmos ao Pai sem cessar porque, já que ele nos escuta nas horas boas, fará por livrar-se de uns fiéis tão pesados. Ele dá-nos o exemplo com as parábolas do homem que vai pedir pão a casa do seu vizinho e da viúva que insiste com o juiz corrupto. Em ambos os casos o que os faz agir é livrar-se da pessoa que os incomoda.

Perante estes textos temos a ideia moderna de que Deus deixa liberdade ao mundo que criou e que mesmo podendo agir não o faz. Não chove porque Deus manda a chuva mas sim devido à evolução das nuvens, que é um fenómeno sujeito a uma série de alterações no planeta. Deus não manda os terremotos, que são fruto do movimento de placas tectónicas. Por outro lado se Deus pode evitar estas catástrofes, porque não o faz? Eu prefiro afirmar um Deus que sofre os mesmos avatares que o seu Cosmos e cuja Encarnação significou o abandono do seu poder para poder entrar em diálogo com o ser humano. Não creio que seja necessário organizar procissões para pedir chuva. Ainda que possam formular-se mais ou menos assim: Senhor, faz com que a evaporação se multiplique para que se formem nuvens que aliviem a nossa sede.

Como rezar, se pensamos que Deus desistiu do seu poder? Podemos pedir a Deus que nos dê força para fazer o bem e evitar o mal. Ajuda-me Senhor, pois sabes que o meu espírito está pronto mas a minha carne é fraca. Senhor, inspira o médico para que ele acerte no tratamento adequado que pode salvar a minha vida, inspira o condutor com quem me vou cruzar para que não beba, que os amigos do meu filho não o convidem para sair quando precisa estudar, que os vizinhos não ponham a música muito alto na véspera dos exames ou duma entrevista profissional pois preciso dormir bem, que quem lhe vai oferecer emprego esteja bem disposto...

Julgo que é mais fácil pedir pelos outros do que por nós próprios. A oração de intercessão pelos nossos amigos e familiares, à qual se une Maria quando rezamos a sua oração da Avé Maria. Doenças, conflitos familiares, preocupações económicas, laborais, com o comportamento dos filhos, cônjuges, pais, oração pelos defuntos.... Colocando todas as nossas preocupações diante de Deus temos a sensação que há alguém que nos ouve e nos compreende. Job responsabiliza Deus pelos seus males e questiona-O sobre o porquê dos mesmos. Deus sai finalmente do seu mutismo e não lhe dá qualquer explicação, mas a simples sensação da sua presença e o facto de se saber escutado basta-lhe. Reconhece que não é capaz de compreender o significado da Criação e as suas regras, reconhece as suas limitações, mas sabe que existe um Ser supremo que está acima de tudo isso.

Senhor, concede-me o que eu quero.

Se me concederes o que eu quero

faz com que isso seja em mim

uma força para o que tu queres.

Meu Deus, se me negas o que eu quero

faz com que isso seja em mim

disponibilidade para o que tu queres...

Oração de louvor

Não se utiliza muito porque as pessoas se lembram mais de Deus nos momentos tristes do que nos alegres. Até criámos uma religião que pensa que Deus se alegra quando não deitamos açúcar no café ou nos sujeitamos a ascetes corporais. O nosso Deus vivia no céu, afastado, para não se contaminar, o que tornava difícil vê-lo na beleza do Cosmos e no rosto do amado e da amiga.

Se somos capazes de ver Deus em tudo explodiremos em orações de louvor nos momentos gozosos da nossa vida. O nosso coração louvará a Deus por que o dia amanheceu luminoso, por fazer com que a noite caia e possamos descansar e dormir, pela água fresca que sacia a nossa sede, pela música que enche a nossa vida. Em todos os acontecimentos gozosos da nossa vida o nosso coração volta-se para o Senhor e fala-lhe. Bendito sejas meu Deus, criador do céu, dos animais e das plantas. Bendito sejas por inspirares os seres humanos a escrever e a pintar e a compor, tornando mais gozosa a minha existência. Bendito sejas por teres criado tantas plantas comestíveis que me permitem usufruir duma alimentação e bebida variadas. Por nos teres criado

homens e mulheres com o instinto de cairmos nos braços uns dos outros. Sentimos o prazer dos nossos corpos unidos e ao saber que há quem queira partilhar a vida connosco.

Louvido seja o Senhor pelo canto dos pássaros e da água do rio, pela brisa suave que nos refresca no Verão, pela água do mar ou da piscina que nos permite nadar e alongar os nossos músculos, pelo sorriso dos nossos filhos e dos nossos amantes...

Bendizer ao Senhor por nós próprios. Pelo corpo e pela inteligência que nos deu, pela família em que nos colocou, ir pensando a pouco e pouco em todas as coisas boas que descobrimos em nós mesmos...

Oração de agradecimento

Nem é preciso dizer que o mais normal depois do louvor é que o coração dê graças a Deus. Esse Deus que é o gerador de todo o bem que experimentamos na nossa vida. Estamos acostumados a dar graças pela comida mas não tanto por outras coisas. Onde o louvor e o agradecimento deverem andar unidos, pois fazem parte do mesmo sentimento de gratidão.

Deus quer-me feliz, olha-me com carinho, aceita-me como sou, está ao meu lado... se sou capaz de dar graças por esta presença amorosa, por possuir a Fé que falta a outros.

Essa gratidão pode especificar-se em tudo o que recebi hoje se é à noite ou ontem se é de manhã. Coisas tão inocentes como a comida e a água quente para tomarmos chuveiro e que muitas pessoas não têm. Estar consciente de que toda a nossa vida é puro deleite.

Oração de perdão

Lutero dizia que um dos momentos chave da oração era a da Feliz Culpa. Essa sensação de não ser nada, de ter caído no mais vil, de não ter sido capaz de guardar os nossos propósitos, de uma e outra vez nos depararmos com a nossa pequenez... era o caminho mais apropriado para nos apresentarmos diante de Deus. Os salmos de perdão da Bíblia são atribuídos a David, quando este toma consciência do assassinio que tinha cometido, na pessoa do marido de Betsabé, por causa do seu amor a essa mulher.

Perdão, Senhor, perdão. É curioso, porque negamos a nós próprios com frequência o perdão de Deus, que sabemos estar sempre à nossa disposição através da parábola do Filho Pródigo. Que até nem são precisas conversões muito profundas, já que aquele aventureiro voltou à casa do Pai porque tinha fome. Se Deus nos perdoa também nós temos de nos perdoar a nós próprios.

A leitura do Salmo 63. Tem compaixão de mim. Apaga o meu pecado. Lava-me e ficarei limpo. Cria em mim um coração puro.

Oração da dúvida e da não-aceitação

Nem sempre é fácil aceitar a vida que nos foi destinada. Existe uma revolta que se pode transformar em oração. Job, o conhecido resignado, entrou nesta dinâmica quando não aceitou o argumento tradicional que o tornava culpado dos seus males e culpou Deus. Porque é que isto me acontece, Senhor? Porque é que criaste um mundo tão desigual e onde há tanto sofrimento?

Obstáculos? MILHÕES

No princípio falávamos de obstáculos e julgo ser necessário voltar a falar deles. A parábola do semeador é um dos poucos textos oferecidos ao orante realmente elucidativo em relação aos obstáculos. Já estamos convencidos, já nos pusemos a caminho, pois a semente do Reino foi espalhada pelo mundo e tocou os nossos corações. Uma notícia maravilhosa! Somos chamados a que a semente de santidade ganhe raízes e vá crescendo até alcançar o cume a que Deus nos chama. Mas o trigo cresce ao mesmo tempo que o joio ou nem sequer cresce porque lhe falta água ou um terreno suficientemente fértil para poder criar raízes.

O crescimento é tão lento, o progresso tão invisível que o orante desespere e desiste da luta. Só vê o joio que cresce no seu interior e não se apercebe do murmúrio da semente que se vai

desenvolvendo e multiplicando. A princípio é tão pequena e tão frágil! Jesus preveni-nos que não é preciso preocuparmo-nos com o crescimento das ervas daninhas. Quando chegar o momento da ceifa serão eliminadas e queimadas sem deixar rasto.

As leituras do Advento proporcionam-nos a imagem de duas mulheres grávidas. Possuem os receios inerentes a toda a gestação. Receiam pela sua saúde mas sobretudo pelo bem-estar da vida que transportam no seu seio. A futura mãe apercebe-se do crescimento, nota o movimento do feto, a princípio quase imperceptível. Sabe esperar.

Mas se nós ficamos aflitos com a nossa falta de crescimento na oração e na fé o mesmo não se passa com Deus, que sabe esperar como as mães grávidas. É o melhor agricultor, porque sabe que as coisas levam o seu tempo e que chegará o momento em que semente dará o seu fruto. No nosso caso esse momento coincide com o final da nossa vida biológica.

Apesar disto, creio que é preciso vigiar para que os obstáculos que nos surgem a cada passo não nos abafem e matem a nossa vida espiritual, asfixiando os seus estímulos. Todos os conhecemos: abandonar a constância que parece inútil, aborrecida e sobre a qual já não temos ilusões. Acresce ainda a preocupação, a angústia, a dúvida que nos impede de colocar os nossos problemas nas mãos de Deus.

O nosso empenho é alimentarmo-nos da Palavra de Deus. Se conseguirmos percorrer esse caminho os frutos do Espírito acompanhar-nos-ão e sentiremos paz, alegria e a segurança que nos vem de nos sabermos em boas mãos.